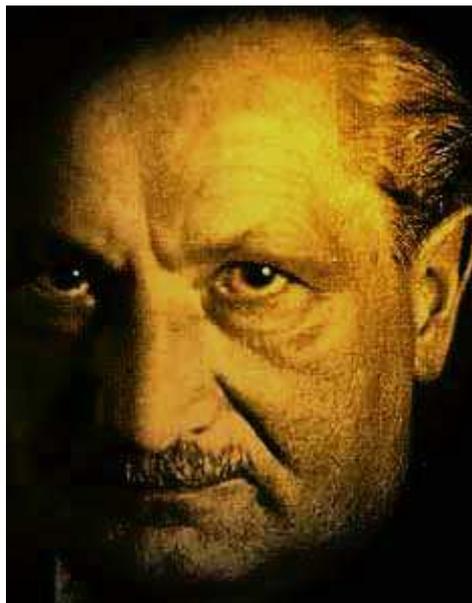


O século de Heidegger



Há trinta anos morria o autor de *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*), publicada em 1927, ou seja, há quase oitenta anos. Martin Heidegger foi, nas palavras do Prof. Dr. Ernildo Stein, “o pensador de vulto que, na filosofia, problematizou de modo mais profundo a questão da modernidade”. Pois, segundo Ernildo Stein, “com a modernidade, surgiu a questão da subjetividade e com isso a questão do método. O ser humano está livre das amarras da tradição e da história passada, para traçar o seu caminho e os seus projetos”. E desta maneira “passa a considerar a natureza e os recursos do Planeta como transformáveis e manipuláveis sem limite. Heidegger vê nisso o surgimento de uma espécie de compulsão para a transformação. Ele costuma chamar a irresistível tendência de o ser humano transformar tudo de dispositivo (Gestell)”. Dessa forma, Heidegger, ainda na primeira metade do século XX, levanta “o problema daquilo que hoje denominamos globalização”.

Juntamente com a entrevista do Prof. Dr. Ernildo Stein, disponibilizamos mais dois artigos sobre o filósofo alemão. Um do italiano Antonio Gnoli, publicado no jornal *Repubblica*, sobre a atualidade da sua obra principal *Sein und Zeit* e um artigo de Jacques Rancière, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, sobre a espinhosa questão da relação do filósofo alemão com o nazismo.

Numa próxima edição voltaremos à pertinência da análise de Martin Heidegger para a compreensão da contemporaneidade.

O IHU está organizando o **Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos** a ser realizado de 21 a 24 de maio de 2007. O Simpósio será lançado no próximo dia 29 de junho com a conferência **Ah! Não vai dar nada!...”** **Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade** a ser proferida pelo Prof. Dr. Mário Fleig, pesquisador do PPG em Filosofia da Unisinos. Na entrevista, publicada nesta edição, o professor e psicanalista analisa o declínio da responsabilidade na contemporaneidade e os desafios daí decorrentes.

“O sistema financeiro recebe por ano 160 bilhões de reais em juros, enquanto a educação 15 bilhões, a saúde, 30 bilhões...” constata o economista João Sicsú, professor no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, analisando a atual política econômica brasileira na entrevista concedida para esta edição.

Mário Novello, físico, celebra a memória do seu professor, o físico José Leite Lopes. Para José Leite Lopes, “todo conhecimento deve ser profundo, descer às suas raízes e exibir suas conexões com outros, com o pensamento em geral”. “A compartimentalização do conhecimento era, para ele, segundo o testemunho de Mário

Novello, um modo de abdicar de um conhecimento mais profundo sobre o saber. Todo saber que não tente almejar a totalidade, dizia, é superficial”.

Publicamos também um belo depoimento do antropólogo José Sérgio Lopes, filho do grande físico brasileiro, concedido para a *IHU On-Line*.

O comentário do filme *Árido Movie*, a entrevista com o poeta e escritor Fabrício Carpinejar e um excelente artigo sobre a contribuição de Henrique de Lima Vaz para pensar a crise ética contemporânea completam, além de outras matérias, esta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

Editorial pg. 2

Tema de capa

Entrevistas

Ernildo Stein: A superação da metafísica e o fim das verdades eternas pg. 3

Antonio Gnoli: O século de Heidegger. Trinta anos após sua morte pg. 9

Jacques Rancière: Heidegger, filósofo judeu? pg. 12

Brasil em Foco

João Sicsú: A melhor política social é reduzir o desemprego pg. 15

Destaques da semana

Memória – José Sérgio Lopes Leite:

Mário Novello: O pensamento, suas raízes e conexões segundo José Leite Lopes pg. 19

José Sérgio Leite Lopes: Construtor obsessivo do campo científico nacional pg. 22

Entrevista da Semana:

Ruy Castro: Futebol: ontem e hoje pg. 23

Artigo da Semana:

O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental pg. 25

Filme da Semana:

Neusa Barbosa: *Árido Movie* pg. 32

Inácio Araújo: Diretor enlaça histórias em filme de exuberância barroca pg. 33

Deu nos jornais:

pg. 34

Frases da Semana:

pg. 35

IHU em revista

Eventos
pg. 38

IHU Repórter
pg. 48

Errata
pg. 50

A superação da metafísica e o fim das verdades eternas

Entrevista com Ernildo Stein

Em entrevista exclusiva por e-mail para a *IHU On-Line*, o filósofo Ernildo Stein destacou que, já no final dos anos 1930, a filosofia de Heidegger problematizava o que hoje entendemos por globalização. Além disso, continua Stein, esse filósofo “libertou o ser humano como ser no mundo de qualquer amarra metafísica, deixando como tarefa sua, a instauração da verdade.” E completa: “Estamos sós no Planeta e nele somos um acontecimento que se espanta consigo mesmo.”

Graduado em Filosofia e bacharel em Direito pela UFRGS, Stein é doutor em Filosofia pela mesma instituição com a tese *Compreensão e finitude - estrutura e movimento da interrogação Heideggeriana*. Coursou pós-doutorado nas universidades de Erlangen, Heidelberg, Freiburg, Frankfurt, Munster e Wüppertal, todas na Alemanha. Atualmente leciona no Departamento de Filosofia da PUCRS.

Stein publicou dezenas de livros, entre eles *Seminário sobre a verdade: lições introdutórias para a leitura do parágrafo 44 de Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1993; *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, *Diferença e metafísica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000; *Compreensão e finitude*. Ijuí: Unijuí, 2001; *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002; *Mundo Vivido: Das vicissitudes e dos usos de um conceito da*

fenomenologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 e *Seis estudos sobre Ser e Tempo* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. Confira a seguir, na íntegra, a entrevista com o filósofo.

IHU On-Line – Quais são os aspectos que julga mais atuais na filosofia heideggeriana? Qual é a importância de Heidegger como um intérprete da pós-modernidade?

Ernildo Stein – O filósofo é, sem dúvida, o pensador de vulto que, na filosofia, problematizou de modo mais profundo a questão da modernidade. Até que ponto suas idéias sempre acertaram é uma outra questão. Não podemos, no entanto, negar a importância de sua teoria de que, com a modernidade, surgiu a questão da subjetividade e com isso a questão do método. O ser humano está livre das amarras da tradição e da história passada, para traçar o seu caminho e os seus projetos. Por isso, passa a considerar a natureza e os recursos do Planeta como transformáveis e manipuláveis sem limite. Heidegger vê nisso o surgimento de uma espécie de compulsão para a transformação. Ele costuma chamar a irresistível tendência de o ser humano transformar tudo de dispositivo (*Gestell*). Foi assim que ele previu o que chama de europeização do mundo, a lógica e o cálculo se disseminando implacavelmente pelo Planeta, arrasando as culturas locais com o progresso. Com isso, o filósofo levanta, já no fim dos anos 1930, o problema daquilo que hoje denominamos globalização.

A filosofia não deve ser avaliada por sua atualidade, mas pela capacidade de ela, nos diversos filósofos, pensar os fundamentos que podem, de certo modo, reger o comportamento dos seres humanos, fazendo uso de sua liberdade. A filosofia não compete com a ciência na descoberta de novos objetos. Ela pensa a moldura ou o âmbito nos quais as ciências descobrem e situam seus objetos. A filosofia não se volta contra a ciência, mas tem um *timing* mais longo, justamente porque não está submetida

às urgências de transformação da realidade.

Talvez convenha dizer que Heidegger finalmente, sem nenhuma inibição, libertou o ser humano como ser no mundo de qualquer amarra metafísica, deixando como tarefa sua, a instauração da verdade. Heidegger declara que não há verdades absolutas ou literalmente “não há verdades eternas”. A verdade só existe porque o ser humano opera com ela. É por isso que se inverte a relação medieval entre teologia e antropologia. Não há Deus sem o ser humano, pois somente ele, o ser humano, abre o espaço para o problema de Deus e assim deixa acontecer o que pode ser expresso em enunciados que tratam da possibilidade de Deus.

IHU On-Line – O que implica o fim da metafísica sugerido por Heidegger? Como entender esse argumento hoje?

Ernildo Stein – Heidegger fala em fim da metafísica como superação dos limites impostos em nome de teorias que se dizem filosóficas, mas não tratam das condições de possibilidade do conhecimento, mas simplesmente falam de coisas e objetos. A superação da metafísica não significa o fim da metafísica. Kant¹ mesmo dizia que

¹ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. A *IHU On-Line* número 93, de 22 de março de 2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*. Os *Cadernos IHU em formação* estão disponíveis para download na página www.unisinos.br/ihu do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Kant estabeleceu uma distinção

sempre respiraremos o “ar impuro” da metafísica e “temos uma mancha podre” que nos faz operar com conceitos independentes da realidade. Heidegger concordaria com Kant, caso a afirmação dele não fosse uma pretensão de salvar o que não pode ser salvo em sua teoria do conhecimento. Para Heidegger o fim da metafísica significa apenas que estamos livres do comando de outros mundos não-humanos. Estamos sós no planeta e nele somos um acontecimento que se espanta consigo mesmo.

IHU On-Line - O que o senhor quer dizer com uma fundamentação pós-metafísica?

Ernildo Stein - Assim como vivemos a chamada pós-modernidade e nela identificamos a fragmentação de toda a unidade entre ciência, arte e religião, assim temos que reconhecer que, se ainda procuramos razões que não sejam as razões da ciência, essas não são mais razões ou fundamentos metafísicos. O pós-metafísico é um mundo sem fundamentos absolutos. Quem dá a moldura na qual se dá o acontecer daquilo que revela os limites da objetivação da ciência é o modo de o homem ser no mundo que a filosofia pode descrever como sentido.

IHU On-Line - Como o conceito de angústia é tratado por Heidegger em *Ser e Tempo*?

Ernildo Stein - Heidegger, quando cria conceitos não os apresenta como prontos. É próprio da fenomenologia ir atrás dos indícios formais que podem localizar traços comuns que podem ser

entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si (*noumenon*) não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. (Nota da *IHU On-Line*)

convertidos em conceitos e, no caso, em existenciais. A filosofia não carrega consigo só uma cesta de conceitos lógicos prontos. Depende do filósofo a capacidade de descobrir sinais que podem nos levar a novos conceitos, por exemplo, sobre o ser humano. É assim que a angústia é descrita como a súbita percepção do ser humano de que ele é finito, isto é, de que está jogado entre um ainda não, o futuro e o não mais, o passado. A angústia que disso resulta é o que mantém o ser humano, humano. O que ele poderá fazer é tentar fugir dessa angústia, fugindo de si mesmo e divertindo-se numa “brincadeira” com os objetos, no instante presente. De todo o modo, porém, a angústia aparecerá de repente e, de modo implacável, remeterá o ser humano contra o futuro e contra o passado e sem resultado.

IHU On-Line - De que forma se apresenta a compreensão e a finitude nesse filósofo? O que elas podem ensinar à contemporaneidade?

Ernildo Stein - Heidegger não aceita outra transcendência que a transcendência finita. Compreensão é essa transcendência, por isso ela é finita. No entanto, o filósofo quer, com isso, dizer que com a filosofia não consegue o ser humano puxar-se do banhado pelos cabelos. Isso quer dizer que o ser humano pensa tudo enquanto é e pelo fato de ser nos permite chegar às coisas. Como diz literalmente “tão finito é o ser humano que ele precisa do conceito de ser, Deus não precisa do ser, não faz ontologia, Deus não filosofa.”

IHU On-Line - Quais são suas objeções em relação à leitura que Padre Vaz realiza de Heidegger?

Ernildo Stein - Lima Vaz² fez seu tema

² Pe Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921 - 2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A *IHU On-Line* número 19, de 27 de maio de 2002, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz. A referida edição teve como

o diagnóstico sintomático de Heidegger sobre o niilismo em que mergulhamos com a metafísica ontoteológica. Isso porque nela o fundamento é convertido em objeto e Deus é definido, como um único expediente, de causa de si mesmo. O filósofo brasileiro não concorda inteiramente com o diagnóstico do filósofo alemão, mas é com base nesse diagnóstico que ele vê a possibilidade de colocar os problemas verdadeiros nas duas matrizes de inteligibilidade: a natureza e a cultura. São elas que no futuro mudarão totalmente, a não ser que o ser humano seja capaz de manter uma identidade, na transformação que a técnica produz nessas duas matrizes. E essa identidade é a pergunta pela vida boa. Como posso ser feliz, como assumo volume e importância como ser biológico e passageiro, que significa viver sua vida?

Em todo o caso, Lima Vaz encontrou mais razões em Heidegger, no seu questionamento radical, do que em Hegel³, cuja maquinaria dialética nada

título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na *IHU On-Line* número 140, de 9 de maio de 2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin. A revista *Síntese. Revista de Filosofia*, n. 102, jan.-abr. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. Celebrando a memória do Padre Vaz, a edição 142, de 23 de maio de 2005, publicou a editoria Memória. Consulte nesta edição um comentário sobre a sua contribuição para a discussão ética no Brasil. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão, um dos pensadores mais influentes dos tempos recentes. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, Hegel tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Nesse livro, Hegel considerava uma variedade tão grande de concepções quanto os diversos estados da mente, e as encarava como estágios no desenvolvimento do espírito em direção a uma maior maturidade. Sua segunda obra, *A Ciência da Lógica*, tenta fazer uma análise sistemática dos conceitos. Sua *Enciclopédia das ciências filosóficas* contém todo o

mói, nada resolve, porque seu motor, Deus (ou a sociedade sem classes, ou a História) são conceitos vazios. Deus está morto, diz Hegel, e é comovedora a frase no penúltimo capítulo da *Fenomenologia do espírito*. “E esse é o sentimento doloroso da consciência infeliz de que Deus morreu”. Apesar de Hegel falar do Deus da Sexta-feira Santa, Nietzsche⁴ o toma a sério e proclama “Deus está morto”. Isso que se estendeu como um lema na entrada do projeto da modernidade. Lima Vaz procura defender contra as críticas de Heidegger uma ontologia teológica que possa sustentar, como uma espécie de realismo, os enunciados da teologia e da religião. Nisso os dois filósofos se distanciam e está com os estudiosos ver quem tem razão nos seus argumentos que aqui não podem ser apresentados de maneira completa.

***IHU On-Line* – Qual o significado que pode ter o fato de Heidegger aceitar o cargo de reitor em plena Alemanha nazista?**

Ernildo Stein – O filósofo fez um juízo equivocado sobre o regime que estava

seu sistema de uma forma condensada. O último livro de Hegel foi *A filosofia do direito*. Depois de sua morte, seus alunos publicaram suas conferências sobre filosofia da história, da religião e da arte, e sobre história da filosofia, usando principalmente suas anotações. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus polêmicos conceitos “além-do-homem”, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim Falou Zaratustra*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; *O Anticristo*. Lisboa: Guimarães, 1916; *A Genealogia da Moral*. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2004. Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13 de dezembro de 2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*. (Nota da *IHU On-Line*)

começando, pensando que aceitando a reitoria, teria condições de criar a nova universidade que substituiria a universidade dos mandarins. Ao ver que caíra na armadilha, se demitiu no décimo mês dos quatro anos que tinha pela frente e, a partir daí, o regime pôs um de seus agentes para supervisionar as suas aulas. O filósofo foi ingênuo porque desconhecia as ciências humanas da sociologia, da política, da economia e pensava, contudo, poder diagnosticar o futuro de um regime. Quem olha com atenção para a capa do meu livro *Diferença e Metafísica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000 verá que ela é feita com uma carta inédita de Heidegger que está em minhas mãos, em que ele se defende dizendo: “Ide a Munique e perguntai ao Pe. Karl Rahner⁵ que assistiu a minhas aulas de

⁵ **Karl Rahner** (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI**, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A *IHU On-Line* n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner; e a n.º 94, de 29 de março de 2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner. No dia 28 de abril de 2004, no evento **Abrindo o Livro**, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na *IHU On-Line* n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no *IHU On-Line* n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*. A edição número 102, da *IHU On-Line*, de 24 de maio de 2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os **Cadernos Teologia Pública** n. 5 de 2004 publicaram o artigo **Conceito e Missão da Teologia em Karl**

34 a 36, para verem a crítica que se ousava contra o biologismo, o racismo do nacional-socialismo”. É verdade que os filósofos não foram feitos para serem heróis da resistência, Platão⁶ que o diga, preso pelo tirano de Siracusa a cujo regime tinha aderido. E mesmo Aristóteles⁷ não escapou do problema, indo asilar-se na sua fazenda de Eubéia, para que os gregos não praticassem um segundo crime contra Sócrates⁸.

O silêncio do filósofo sobre o gesto de que ele confessou a Jaspers⁹ que “se sentia envergonhado do passo dado”, deve-se ao fato à convicção de que uma confissão pública não tinha sentido porque não apagaria nada. Para um filósofo como Heidegger em cujo pensamento Deus depende do homem, não há ninguém para repor algo que possa resultar de qualquer arrependimento.

IHU On-Line - O nazismo é uma

Rahner, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ **Platão (427-347 a. C.)**: filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. – 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ **Sócrates** (470 a. C. – 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **Karl Theodor Jaspers** (1883-1969): filósofo e psiquiatra alemão. Ensinou filosofia em Heidelberg desde 1921 e em Basileia a partir de 1948. Fez o doutoramento em medicina, tendo inicialmente, dedicado-se à psicologia. É também conhecido como um dos principais representantes do existencialismo. (Nota da *IHU On-Line*)

anomalia ou uma radicalização da razão moderna?

Ernildo Stein - O nazismo é um totalitarismo nascido das incertezas e dos irracionalismos dos anos 20 de nosso século. Assim como outros totalitarismos. Tão nefasto quanto foi, não deixa de ser uma espécie de banalidade do mal, mas uma obra humana, uma obra com autores determinados que se orientaram nas mais primitivas idéias sobre a relação dos seres humanos em sociedade. O nazismo é, em última análise, um resultado da suspensão da lei, para que o tirano pudesse fazer dela o que bem entendesse, pois era a sua lei. Agamben¹⁰ bem vê nos campos de detenção que rodeiam a Europa com uma coroa de desesperados, novos campos de concentração, em que a lei está suspensa. Isso produz a “inexistência” de todos os refugiados porque estão juridicamente nus.

IHU On-Line - Como o pensamento heideggeriano explica o paradigma da técnica levado às últimas conseqüências pelos nazistas?

Ernildo Stein - Heidegger certamente não é um intérprete do nazismo. Mesmo que para isso tivesse competência, não tem autoridade como filósofo. São outros campos de conhecimento que devem compreender o nazismo. Entretanto, Heidegger situaria na exacerbação do dispositivo da técnica, a

¹⁰ **Giorgio Agamben** (1942): Filósofo italiano. É professor da Facolta di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Il linguaggio e la morte* (Einaudi, 1982), *La formula della creazione* (Quodlibet, 1993), escrito com Giles Deleuze, *Homo Sacer* (Einaudi, 1993) *Homo sacer - O poder soberano e a vida nua - UFMG*, *Que le resta di Auschwitz*, (Bollati Boringhieri, 1998) e *Stato di Eccezione* (Bollati Boringhieri, 2003) (Nota da *IHU On-Line*)

compulsão dos nazistas de produzir a morte industrializada. Por mais distantes que estejamos do nazismo, não é a parafernália da técnica atual que retira de cada ser humano o direito de morrer a sua morte. Morte é hoje, no dispositivo da técnica, apenas uma questão de higiene pública.

IHU On-Line - Quais seriam as influências do cristianismo em Heidegger? E ele influenciou, de alguma forma, o pensamento cristão?

Ernildo Stein - Certamente temos várias correntes teológicas que incorporaram as categorias da analítica existencial de Ser e tempo. Bultmann¹¹ é um dos grandes exemplos de diálogo com Heidegger, mas há muitos teólogos e correntes teológicas que levam de contrabando elementos do discurso heideggeriano. Apenas não tem coragem de levá-lo às últimas conseqüências. Heidegger teve formação cristã, estudou teologia e filosofia católicas, dialogou muitíssimo com os pensadores evangélicos, para chegar à conclusão de que a filosofia não pode oferecer aval para nenhuma religião. Ao pé da letra diz o filósofo: “Uma filosofia cristã é um ferro de madeira, uma roda quadrada”.

¹¹ **Rudolf Karl Bultmann** (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o *Novo Testamento* (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926) e sua mais famosa obra foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, publicamos na editoria *Teologia Pública* um debate sobre a obra *Teologia do Novo Testamento*, com a participação de Nélcio Schneider e Johan Konings. (Nota da *IHU On-Line*)

O século de Heidegger. Trinta anos após a sua morte

Por Antonio Gnoli

Como ler hoje uma obra que coloca o homem diante de sua desolação? Sua obra-mestra saiu publicada em 1927 e foi como se a filosofia mudasse de sinal. Procurou redimensionar o pensamento em sua grandeza original. Se a metafísica havia obnubilado os horrores que vivenciamos no século 20, a começar pelo nazismo, eles são aqui antecipados.

O jornal italiano *Repubblica*, 29-5-2006, publicou uma ampla reportagem de Antonio Gnoli sobre Martin Heidegger. Ele morreu há 30 anos e sua obra, especialmente *Ser e Tempo* é fundamental para entender a contemporaneidade. Traduzimos e publicamos na íntegra o artigo.

A pergunta é simples, direta, e, se quiserdes, até ingênua: por que Martin Heidegger teve e continua tendo sucesso? A palavra sucesso pode conduzir ao engano. Remete à moda segundo a qual, muitas vezes, seguimos um autor, defendemos e amamos este autor, procuramos assemelhar-nos a ele, inserir-nos em seus movimentos lingüísticos. O sucesso de Heidegger parece-nos nascer sob um signo diverso, um signo tão forte e marcado, que neutralizou a ampla fila de detratores, os quais só perceberam no seu pensamento uma obscura e abstrusa construção filosófica.

Na realidade, pensar obscuramente nem sempre significa não pensar nada. Às vezes, os atritos conceituais, os problemas lingüísticos que se erguem à nossa frente, os enigmas nos quais nos debatemos não são o som de palavras vazias, mas remetem a uma dificuldade mais geral, que diz respeito ao modo pelo qual a filosofia ainda pode enfrentar o problema da verdade. Heidegger não era diferente de todos os grandes filósofos que o precederam. Também ele mergulhou no problema dos problemas:

como dizer a verdade? Como encontrá-la? Como transmiti-la?

Trinta anos após sua morte e quase oitenta desde a publicação de *Ser e Tempo*, continuamos a discutir sobre ele e sobre sua filosofia. Isso se faz, cremos nós, não porque ainda sofremos cansativamente sua influência enfeitiçadora (a qual, em todo o caso, tem um lugar não-irrelevante, a julgar pelo fascínio indiscutível que ele exerceu sobre os seus alunos), porém Heidegger é o lugar conceitual no qual o século XX se torna algo paradoxal, e estaria inclinado a dizer: único.

Redespertando a atenção, aí está a recente dupla edição de *Ser e Tempo*, de acordo com quase todos, incluindo os adversários, sua obra-mestra filosófica. A obra saiu publicada em 1927, com uma dedicatória ao seu mestre Edmund Husserl. Detalhe não irrelevante: na quinta edição, a de 1941, a dedicatória foi supressa. Os detratores viram, na escolha de cancelar essa homenagem ao mestre judeu, o sinal eloqüente da covardia de Heidegger, o qual se defendeu, observando que aquele era o

único modo de reeditar a obra. Questão antiga e furente aquela do nazismo de Heidegger. Veremos se existe um modo de dirimi-la. Na Itália, *Ser e Tempo* saiu publicado em 1953 por Fratelli Bocca, numa edição organizada por Pietro Chiodi. Personagem extraordinário, reformista, um pouco marxista e um pouco existencialista, Chiodi, que era um professor de liceu de Alba, reelaborou sua tradução, que apareceu numa nova edição, primeiro em 1969, pela Utet e depois, em 1970, pela Longanesi. Distante 35 anos, Longanesi repropõe uma nova edição de *Ser e Tempo* (632 p., 28 euros), aos cuidados de Franco Volpi; e Mondadori, por sua vez, publica um Meridiano (1.550 p., 49 euros) que, além de se valer de uma nova tradução feita por Alfredo Marini, inclui, lado a lado, o texto em alemão.

Poderíamos dizer que, das duas edições, a primeira é conservadora, no sentido de que conserva e adequa em parte a linguagem usada por Chiodi (que é, depois, a usada no debate sobre Heidegger); a segunda edição é inovadora: ela se destaca da de Chiodi e, por vezes, modifica radicalmente a terminologia. Ambas as edições se valem de um glossário. Mais explicativo o léxico de Volpi, mais respeitoso, no limite da colagem, o de Marini. Este, além de uma breve introdução, na qual examina a estrutura da obra, oferece um longo posfácio sobre o que significou traduzir *Sein und Zeit*. O ensaio é elevado e interessante, mas alguma tesourada lhe teria sido útil.

Ser e Tempo se articula em duas partes, às quais deveria ter seguido uma terceira, jamais redigida por Heidegger. Alguns intérpretes viram nesta incompletude a falência especulativa de Heidegger. Outros falaram de "virada", entendendo com isso que os problemas levantados pela obra-mestra de 27 podiam encontrar uma solução fora do horizonte lingüístico delimitado pelo próprio livro.

Mais precisamente, num Heidegger - como, de resto, ele mesmo auspiciava, - que fosse além da analítica existencial. Eis o ponto, a palavra mágica da qual partir para entender o que ele nos consigna com sua obra tardo-juvenil.

O leitor, que não se deixasse rechaçar ao primeiro assalto, encontraria nesta obra algo de sistematicamente selvagem: há uma atenção espasmódica aos fatos, ao mundo dos entes, e há um modo de dizê-lo que se vale de uma linguagem, em parte ao menos, radicalmente nova. Heidegger, que tem 38 anos, leu e estudou tudo. Em *Ser e Tempo* se refunde a filosofia grega, pré-socrática, platônica, aristotélica. Aí estão São Paulo, Tomás e Agostinho (na linguagem heideggeriana serpeia seguidamente a dimensão teológica), e também está a lógica medieval. Aí está, naturalmente, o século XX: a sociologia guilhermina (Simmel, Weber, Sombart); está presente a teologia negativa de Karl Barth, está o historicismo de Dilthey, ecoam até a alma e as formas, a história e a consciência de classe de Lukács. No entanto, todo este longo elenco de autores e de leituras feitas, comparece em sua obra como um transparente destilado. Como uma *Stimmung*, um estado de alma, com a qual o filósofo envolve sua obra.

Em *Ser e Tempo* tudo é digno de análise. Entretanto, dizer "digno" não implica, aos olhos de Heidegger, nenhuma escolha moral, nenhum juízo ético. O território no qual ele age existe sem efetiva jurisdição. Privado de reais hierarquias, destituído de princípios-guia. Somente às custas de uma radical transformação do tablado filosófico, é possível restituir ao pensamento sua função originária, que a metafísica havia esquecido.

Muitas páginas de *Ser e Tempo* têm a força sugestiva de mostrar-nos o homem em seu estar lançado. A queda deste ente

[Heidegger preferirá a palavra "ente" (ou "existente", estar-ai, *Dasein*) e fala de decadência], não tem nada a ver com a perda do estado de inocência, com o pecado original, com o paraíso. Porque isso significaria pressupor que exista uma verdade e uma origem que se situam no exterior da temporalidade e do mundo, nos quais o ente é lançado. Ao invés disso, nós, entes entre os entes, e ainda em condições de interrogar-nos, estamos imersos na cotidianidade, na tagarelice, na ditadura do "se". Esta condição opaca e inautêntica não é vista por Heidegger de modo depreciativo. É uma modalidade da existência.

Afinal, também Platão, com o mito da caverna, tinha narrado a condição inautêntica e ilusória dos homens acorrentados e condenados à aparência, enquanto não tivessem saído da caverna. No entanto, é este sair que Heidegger põe radicalmente em discussão. A idéia que a verdade possa representar-se como abstração suprema. Que se possa interrogar o ser, como se fosse verdadeiramente algo de estranho a nós, é o pecado mortal da metafísica. O seu afastar-se do pensamento originário.

Então, como se dar a si a verdade? Como evadir do inautêntico, da tagarelice, da opacidade? *Ser e Tempo* não fornecerá respostas eloqüentes. Aqui fará sua aparição o termo "Lichtung" (Volpi a traduz com "clareamento", Marini com "claridade"), com o qual Heidegger nos sugere que a verdade não é procurada (como, ao invés, acontece no mito da caverna), porque a verdade não é representável. Só se pode experimentá-la na *Lichtung*, quando ela nos vem ao encontro. Dir-se-á: mas como é possível para um ser-aí, encadeado ao inautêntico, abrir-se ao clareamento luminoso? A segunda parte de *Ser e Tempo* explorará os temas da angústia - distinta do medo - e do cuidado, por mais dos quais o homem poderá

desvincular-se da condição de opacidade na qual vive.

O existencialismo, em particular o francês, procurou apropriar-se desta implantação. Heidegger, que o considerava insuficiente, demoliu os equívocos com que sobretudo Sartre havia fundado sua filosofia. Mas, deste modo, não queimava também *Ser e Tempo*?

Há uma questão política com que se pode esboçar uma resposta. É conhecida a adesão de Heidegger ao nazismo. Em geral, ela foi lida como a reprovável submissão a um tirano sem igual na história. O que também pode ser. Quem abrir *Ser e Tempo*, porém, verá que uma parte da analítica existencial é uma espécie de atravessamento da política. Somos entes lançados. No entanto, como entes, o nosso movimento vai em direção à política.

Qual política? Para Heidegger, a única possível e em condições de romper com os esquemas da representação era aquela encarnada no destino de um povo. Que aquele destino tomasse, seis anos depois, a forma do nazismo, é fortemente condenável e não ficará sem conseqüências para o filósofo. Entretanto, o ponto é ainda outro. *Ser e Tempo* é um movimento que nos lança para os horrores do século XX. Um século que procurou o autêntico e o homem novo e o encontrou grotescamente nas grandes experiências totalitárias. Seriam tais experiências apenas o nosso passado? A idéia que uma política, impolítica, possa imaginar aquele destino, aquela comunidade, aquela praça, é um resíduo que continua a viver no léxico das nossas emoções. Como uma ameaça, ele sobrevive nas vestes ressurgentes do homem do destino, que se torna voz do povo, decisão, vontade geral, corpo (talvez midiático) de uma nação em busca de identidade. O nó inquietante de *Ser e Tempo* está na passagem enigmática do inautêntico ao autêntico.

Heidegger, filósofo judeu?

Por Jacques Rancière

Para defensores do pensador em sua suposta relação com o nazismo, o Holocausto foi resultado do avanço sem limites da técnica - que ele criticou -, e não um ato de uma potência e do ódio contra um povo. Confira o artigo a seguir, escrito por Jacques Rancière, colunista da *Folha de São Paulo*, e publicado em 4 de setembro de 2005. Rancière é filósofo francês, professor na Universidade de Paris 8 e autor de *O Dissenso* e *A Partilha do Sensível* (ambos pela Editora 34).

Mais uma vez o assunto é (o filósofo alemão Martin) Heidegger (1889-1976), o reitorado de 1933 e o seu engajamento político. A discussão certamente não é exclusividade francesa, mas sempre assume um caráter especialmente agudo na França. E mais ainda agora, já que desta vez é um autor francês que a traz à tona, denunciando não apenas o engajamento público do reitor Heidegger em 1933, mas, ainda mais fundamentalmente, a solidariedade de sua filosofia com a ideologia nazista. O título do livro de Emmanuel Faye - *Heidegger - L'Introduction du Nazisme Dans la Philosophie (Heidegger - A Introdução do Nazismo na Filosofia*, Albin Michel, 568 p.), publicado em Paris há poucos meses, é explícito a esse respeito. E a avalanche de protestos que caiu sobre os jornais que o noticiaram, assim como a intensa campanha travada na Internet pelos defensores de Heidegger, é testemunha das paixões suscitadas.

Não seria o caso de nos interessarmos por isso se fosse apenas uma nova contagem de pontos num duelo já conhecido. Desta vez, porém, a querela deixa entrever outra coisa: uma mudança da paisagem ideológica que merece ser observada. Ela não diz respeito apenas à apreciação da atitude

de um pensador com relação ao nazismo, mas à própria percepção do nazismo e de sua relação com as chamadas "democracias liberais" nas quais supostamente vivemos.

Adesão

Está claro, de fato, que a questão do engajamento político de Heidegger a serviço do nazismo jamais será confirmada por nenhum argumento decisivo, pois o problema é sempre o mesmo. De um lado, há os fatos bem estabelecidos e as declarações públicas que constituem testemunho da adesão do reitor Heidegger ao novo regime estabelecido em 1933. Há também os seminários da época, que, por meio do estudo dos fundamentos da lógica ou dos poemas de Friedrich Hölderlin¹², revelam a presença e força de problemas e temas que integravam o projeto nazista: os do combate decisivo, do povo a ser reunido sob a tempestade sagrada em prol de um destino novo, o da comunidade a ser fundada novamente naquilo que possuía de mais essencial.

Mas como estabelecer o vínculo decisivo que comprova a solidariedade entre o

¹² Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843): poeta lírico alemão. (Nota da *IHU On-Line*)

terror nazista e a guerra declarada pelo filósofo aos fundamentos da lógica ocidental, ou a continuidade entre o engajamento temporário de Heidegger e a própria estrutura de seu projeto filosófico?

Emmanuel Faye teve uma boa oportunidade para restabelecer, em sua crueza ideológica e guerreira, as palavras que o mestre ou seus herdeiros às vezes corrigiram para a edição de seminários e as idéias que os discípulos propositalmente afogaram em circunlóquios. Do mesmo modo, porém, ele se satisfaz com a simples presença de palavras reveladoras no texto.

Entretanto, como toda a estratégia teórica de Heidegger na época consistia em reivindicar um sentido mais profundo e mais original para as palavras do léxico nazista, a demonstração cabal torna-se impossível. E o autor é obrigado, então, a recorrer a associações incontrolláveis com a evolução deste ou daquele colaborador ou o papel deste ou daquele intermediário, a ponto de supor que um dos redatores dos discursos de Hitler tenha sido um discípulo de Heidegger, senão o próprio filósofo. É verdade que os argumentos factuais dos irredutíveis, sempre baseados nos mesmos testemunhos, nas mesmas declarações retrospectivas e nas mesmas distorções de interpretação e de comentário, não são mais conclusivos. Na realidade, porém, não é sobre esse tipo de provas que eles fundamentam sua apologia. Eles procuram comprovar a inocência de Heidegger em seu contexto histórico. Em lugar disso, deslocam o terreno e invertem o argumento: colocam-se no presente e pretendem provar que os verdadeiros culpados são os que hoje o atacam, porque, com isso, eles estariam atacando o único pensamento que nos permite tirar a medida do crime nazista, logo, de nos prevenir contra sua perpetuação.

Todo crime é, para começar, um crime contra o pensamento - ele tem sua origem na recusa em pensar, argumenta um dos defensores mais ardentes do filósofo, o também filósofo Henri Crétella¹³. E o crime nazista é de um radicalismo tal que só um pensamento de radicalismo ainda superior pode nos salvar dele. Portanto, conclui, é preciso "trabalhar para que não se possa continuar a caluniar Heidegger". Resumindo: hoje, o crime de atacar Heidegger, que encarna o pensamento, é análogo ao crime nazista. Logo, a melhor maneira de ser antinazista é proibir a crítica a Heidegger.

Por seu caráter sumário, esse argumento ilustra bem a reviravolta da perspectiva: pouco importa, nos dizem seus partidários, em última análise, que Heidegger tenha acompanhado o nazismo por um período mais ou menos longo. O importante é que o pensamento que ele elaborou sobre o nazismo, meditando silenciosamente sobre ele, nos proporciona, hoje, o meio de nos salvarmos dele, dando-nos a chave que o torna inteligível. Essa chave é a hegemonia da técnica, que significa a colocação à disposição ilimitada de tudo, longe do abrigo do Ser.

De acordo com uma célebre conferência do pós-guerra, é essa colocação à disposição que teria conduzido à "fabricação de cadáveres" dos campos de extermínio. Analista da essência da técnica, Heidegger seria, portanto, o pensador que nos liberta do totalitarismo nazista, e seus críticos, por inconsciência ou por cumplicidade secreta, atacariam o único pensamento capaz de nos proteger contra as obras do "totalitarismo doce" ou da "doce barbárie" que comanda nossas vidas.

¹³ Henri Crétella: Autor de *Autonomie et philosophie : la régénération de la pensée*. Paris: Lettrage distribution. 119 p. ISBN 2-901952-44-5 e *L'épreuve de l'impensé*, in: Heidegger-Studies, 1997 (13), p.29-45. (Nota da *IHU On-Line*)

Assim, a "defesa" de Heidegger se converte em ataque. E esse ataque também é testemunho da mutação do olhar lançado hoje sobre o nazismo e o extermínio por uma parte crescente da intelligentsia ocidental. Sabe-se como esta, há algum tempo, passou a colocar no centro de seu pensamento a singularidade radical do extermínio dos judeus da Europa. O paradoxo é que, para isso, precisou separar esse acontecimento de sua causa real, da ideologia em cujo nome ele foi perpetrado. Ela tende a deixar de lado a ideologia racial do nazismo, a mitologia do solo e do sangue na qual ela tem suas raízes.

Para fazer do extermínio a realização da essência da técnica denunciada por Heidegger, ela precisa negar que seja conseqüência de uma ideologia reativa e de uma mitologia arcaica. Ela precisa transformar essa ideologia em crime moderno, o crime de uma sociedade democrática voltada à satisfação, por meio da técnica, das necessidades e dos desejos insaciáveis de indivíduos não afiliados e voltados exclusivamente ao culto do consumo. Dentro dessa lógica, não foram os nazistas que mataram os judeus, foram as câmeras de gás; e, nas câmeras de gás, é a modernidade técnica que adere fortemente à modernidade democrática.

Democracia assassina

Foi definitivamente a democracia que matou os judeus: foi essa a tese defendida recentemente pelo autor do livro repleto de repercussões *Les Penchants Criminels de l'Europe Démocratique (As Tendências Criminosas da Europa Democrática)*, Jean-Claude Milner¹⁴. É ela que transmite uma inesgotável literatura filosófico-jornalística que denuncia, dentro dos fenômenos do consumo de massas e dos programas de televisão-

¹⁴ Jean-Claude Milner: lingüista francês. (Nota da IHU On-Line)

realidade, as marcas de uma barbárie ainda mais radical que a dos campos de extermínio.

Assim, tudo se volta do avesso: o extermínio não é mais o crime historicamente situado de uma potência movida pelo ódio aos judeus e à democracia - é um futuro que nos ameaça. E são os inconscientes detratores do filósofo que, ainda hoje, estariam trabalhando pela vitória planetária do totalitarismo democrático, ao caluniar o pensamento que, 50 anos atrás, já nos prevenia contra essa ameaça.

Para concluir a inversão das coisas, falta apenas um passo a ser dado, passo esse que alguns já descrevem. Heidegger é um pensador eminentemente judeu, nos explica o inspirador da campanha, Stéphane Zagdanski¹⁵, para quem o Ereignis do filósofo é idêntico ao dom da Torá. O mesmo autor já havia dedicado um livro à tentativa de fazer de Céline um escritor judeu por excelência. É verdade que todas as inversões são possíveis numa era em que o homem mais freqüentemente saudado por sua ação revolucionária se chama George W. Bush.

¹⁵ Stéphane Zagdanski : romancista francês. (Nota da IHU On-Line)

A melhor política social é reduzir o desemprego

Entrevista com João Sicsú

João Sicsú, professor no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é mestre em Economia pela Universidade Federal Fluminense e doutor em Economia pela UFRJ. Nesta entrevista, concedida por telefone à *IHU On-Line*, Sicsú declarou seu voto nulo caso a disputa eleitoral fique entre Lula e Alckmin. *IHU On-Line* entrevistou João Sicsú na edição número 174, de 3 de abril de 2006. O professor é organizador de, entre outros, *Macroeconomia do Emprego e da Renda: Keynes e o keynesianismo*. São Paulo: Manole, 2003; e *Novo-desenvolvimentismo: um projeto nacional de crescimento com equidade social*. Barueri: Editora Manole, 2005.

***IHU On-Line* - O senhor pode falar um pouco do seu artigo *Rumos da Liberalização Financeira Brasileira*, quais são esses rumos?**

João Sicsú - O Brasil está caminhando para uma situação em que a sua integração financeira com o mundo está aumentando mais a cada dia. A economia brasileira está ficando cada vez mais aberta ao mundo. Isso é extremamente negativo. O Brasil tem que estar aberto para fazer relações comerciais com o exterior, mas não para receber capitais especulativos do exterior, e essa liberalização financeira permite com facilidade essas transações com o exterior. É negativo porque capitais financeiros especulativos de curto prazo podem entrar no País e sair a qualquer momento e quantidade, o que provoca nossas crises cambiais, a desvalorização acentuada e abrupta do dólar, e isso é que causa o aumento do risco-país. Por exemplo, aumentou a

taxa de juros americana e os investidores decidem entre comprar títulos americanos ou brasileiros, e quando aumenta a taxa de juros nos EUA eles vendem os títulos brasileiros e compram os americanos. Só que, para sair do País, eles têm que trocar seus reais por dólares, então o dólar sobe de preço. É esta mobilidade que tem que ser impedida ou pelo menos limitada. Neste artigo, digo exatamente isso, que a liberalização está mais acentuada e que é preciso, neste momento, voltar a ter controle sobre os movimentos de capitais entre Brasil e exterior.

***IHU On-Line* - Por que o governo não consegue avançar na criação de um novo modelo de desenvolvimento?**

João Sicsú - Porque não quer. É tudo uma questão de vontade. Diversos países estão crescendo a taxas elevadas, a China 10%, é um caso, a Índia entre 6% e 8%, a Coréia entre 5% e 7%, a Argentina, depois que mudou de modelo, cresceu nos últimos três anos 9% e neste ano a perspectiva é de

¹⁶ SICSÚ, João. *Rumos da Liberalização Financeira Brasileira*. Revista de Economia Política, São Paulo, no prelo, 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

crescer entre 7% e 8%, enquanto o Brasil cresce em média 2,5%. Especificamente no governo Fernando Henrique Cardoso, essa foi a taxa de crescimento e, no governo Lula, a mesma taxa. Então basta querer, e querer significa baixar a taxa de juros, reduzir a carga de despesas do governo. Basta fazer o que a Argentina fez e que outros países fazem. A economia brasileira é basicamente, semi-estagnada. Os países que decidiram por um governo desenvolvimentista têm tido sucesso.

IHU On-Line - Qual teria sido o momento ideal para transitar em outra política econômica? O senhor visualiza alguma mudança para os próximos meses?

João Sicsú – Quando Lula entrou, teria sido um bom momento, porque quanto antes melhor. O governo de Lula perdeu muita força dentro dos fatos apontados de corrupção e particularmente o PT perdeu muita representatividade na sociedade. Lula ainda conserva sua representatividade, embora questionável. Não parece que Lula tenha reconhecimento entre formadores de opinião, pelo contrário, nesta camada ele está muito desgastado, mas tem muita intenção de voto entre os pobres. A base social de Lula são os pobres, por conta do Bolsa Família. Provavelmente 33 milhões de eleitores dependem diretamente ou indiretamente do Bolsa Família. Eu diria que Lula perdeu muito capital político embora tenha muito voto. Parece contraditório, mas não é. Não acredito que num segundo mandato Lula implementaria um outro modelo, se ele tinha essa intenção já deveria ter feito. Essa história de que o primeiro mandato é para arrumar a casa e o segundo seria para o desenvolvimento, não é verdadeiro. Fernando Henrique prometeu as mesmas coisas e não cumpriu, tanto que seu sucessor perdeu as eleições. Lula manteve a casa como

estava, e até desarrumou mais, elevando as taxas de juros e liberando ainda mais a economia brasileira. Eu diria que Lula perdeu o melhor momento de mudar, mas o momento para mudar é qualquer um, basta querer. O problema fundamental é ter vontade política de mudar ou não. Optar por um caminho desenvolvimentista, um caminho que traz conflitos, basicamente, com o sistema financeiro. Isto é escolha de cada presidente, a quais segmentos da sociedade ele vai se aliar? Para quais ele vai mentir? Esse governo fez a opção de contar a mentira para nós e favorecer o sistema financeiro. O sistema financeiro não tem do que reclamar. Recebe por ano 160 bilhões de reais em juros, enquanto a educação 15 bilhões, a saúde, 30 bilhões...

IHU On-Line - Em que medida as chamadas forças sociais podem mudar o estado das coisas?

João Sicsú – As políticas sociais são necessárias, mantidas em qualquer situação e intensificadas em situações de emergência. O governo Lula tem utilizado muito algumas políticas sociais, basicamente, o Bolsa Família. Não existe, porém, nenhuma experiência histórica que diga o seguinte: que um país mudou a sua distribuição de renda por meio de políticas sociais. O que faz um país mudar é o crescimento econômico. Políticas sociais tornam-se menos necessárias à medida que a economia cresce, que o emprego cresce. Diria que a melhor política social que um país tem a fazer é crescer e reduzir o desemprego. Eu não descarto, porém, que outras políticas devam ser implementadas, eu diria o seguinte, elas vão ser implementadas de uma forma mais ampla exatamente quando o país cresce. Um país crescendo pode fazer política social universalizante, exatamente porque a arrecadação cresce muito por causa dos impostos, e

os gastos com as políticas assistencialistas caem muito.

IHU On-Line - Quais os pontos cruciais para serem revistos na economia brasileira?

João Sicsú – Taxa de juros que devem sofrer uma redução drástica, deve ser cortada pela metade pelo menos. Ela está 15,25% e deve ser cortada para 7,5%. Promover uma desvalorização cambial gradual para que o câmbio se coloque numa posição mais favorável às exportações e seja também um câmbio estável. E um terceiro ponto a mudar, aumentar os gastos públicos em infra-estrutura.

IHU On-Line - Como o senhor vê o cenário eleitoral? O que acha da Campanha do Voto Nulo? Quais seriam as alternativas de voto na sua visão?

João Sicsú – Acho que Lula e Alckmin representam o mesmo projeto econômico. Alckmin seria uma continuação do FHC e existem

diferenças entre o governo Lula e o governo de FHC? Sem dúvidas, mas a questão é: são diferenças fundamentais ou não? No principal, que é o modelo de desenvolvimento econômico, eles são idênticos. Existem diferenças nas relações com os movimentos sociais, entre outras coisas, mas no fundamental, que é a concepção de políticas sociais e o desenvolvimento do modelo econômico, eles são idênticos. Devemos pensar numa alternativa de voto que não seja o voto nulo. Mas acho que num segundo turno, se for Lula e Alckmin, é legítimo que a população opte pelo voto nulo. O voto nulo consciente vale mais que o inconsciente em um candidato. Diria que é legítimo votar nulo, não faria campanha pelo voto nulo no primeiro turno, mas num segundo turno talvez não fizesse campanha, mas particularmente, declaro meu voto, num segundo turno, entre Lula e Alckmin, nulo. No primeiro turno, farei de tudo para escolher um candidato que seja uma alternativa.

destaques da semana

Memória	pg. 19
Entrevista da Semana	pg. 23
Artigo da Semana	pg. 25
Filme da Semana	pg. 32
Deu nos Jornais	pg. 34
Frases da Semana	pg. 35
Destaques On-Line	pg. 36

O pensamento, suas raízes e conexões segundo José Leite Lopes

Entrevista com Mario Novello

Nesta semana, dia 12 de junho, faleceu, aos 87 anos, José Leite Lopes, renomado físico brasileiro. Considerado uma das principais figuras da ciência no Brasil, ele foi fundador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), do Instituto de Física da Universidade do Rio de Janeiro e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Física. Em 1958, Leite Lopes estabeleceu a equação que mostrava a semelhança entre duas das forças fundamentais do universo: a nuclear fraca e o eletromagnetismo. Com base nos trabalhos dele, os cientistas Steve Weinberg, Sheldon Glashow e Abdus Salam desenvolveram a unificação entre as duas forças e conquistaram o Prêmio Nobel de Física de 1979.

Publicamos, a seguir, uma entrevista com o físico Mário Novello e um depoimento de José Sérgio Leite Lopes, antropólogo e filho de José Leite Lopes. A entrevista e o depoimento foram publicados nas *Notícias Diárias* do site do IHU no dia 15 de junho de 2006.

IHU On-Line entrevistou por e-mail o físico Mário Novello, professor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), no Rio de Janeiro, onde é coordenador do Laboratório de Cosmologia e Física Experimental de Altas Energias. Novello, que é mestre e doutor em Física, pós-doutor pela University of Oxford (Inglaterra) e doutor honoris causa pela Universidade de Lyon (França), foi aluno de José Leite Lopes.

***IHU On-Line* - O senhor foi aluno de José Leite Lopes. O que guarda de mais significativo da época em que ele era seu professor? Em que sentido ele mais o marcou? Qual a singularidade dele no ensino da Física?**

Mario Novello - Fui aluno de Leite no curso de graduação de Física na Faculdade Nacional de Filosofia (hoje,

Instituto de Física da UFRJ) e na pós-graduação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Sua atitude, em todos estes cursos, sempre foi a mesma: aulas extremamente agradáveis, ricas não só de ensinamentos, mas de reflexões sobre o cotidiano social-político de nosso país. Além disso, ele tinha um modo particular bastante alegre de tratar seus cursos.

Caracterizava-se como um *showman* pela sua boa aula, leve, gostosa de assistir. Quanto aos detalhes técnicos, sua mais importante tônica estava ligada à profundidade com que tratava um assunto. Qualquer tema para ele deveria ser levado às conseqüências mais profundas. Tentar associar o que se estava estudando, mesmo que fosse algo aparentemente simples, quase trivial, devia, segundo Leite, ser pensado em suas conexões íntimas com todo o resto de nosso conhecimento. Creio que esta busca pelo que há de profundo em cada pensamento, talvez seja o ponto que o singularizava como professor.

***IHU On-Line* - Qual a principal herança de Leite Lopes para os estudos da Física?**

Mario Novello - Leite escreveu, no começo dos anos 1960, um belíssimo livro sobre os fundamentos da Eletrodinâmica Clássica, *Fundamentos da Eletrodinâmica Clássica*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1960. Este livro ainda hoje é de uma abrangência e de uma profundidade ímpar. Poucos livros, mesmo hoje passados quase 50 anos, possuem o mesmo rigor e clareza sobre esta parte da Física como o dele. Talvez sua influência maior possa ser considerada suas análises entre as conexões das interações fundamentais, em particular as forças fraca e forte, embora pouco tenha sido publicado a respeito.

***IHU On-Line* - Como o senhor vê a atuação política dele na época da ditadura, quando foi exilado? Qual o exemplo deixado por ele nesse sentido?**

Mario Novello - Leite batalhou enormemente para a criação de um Ministério da Ciência e Tecnologia em nosso país. Ele pensava - e hoje todos reconhecem como ele estava certo - que o tal Ministério poderia impulsionar grandemente a ciência e a tecnologia no

Brasil. Infelizmente, essa sua iniciativa vinha desde os anos 1950 e continuou com ênfase à época do governo do presidente João Goulart. Quando, mais tarde, este Ministério foi efetivamente criado, Leite, então cassado como os físicos do CBPF, Jayme Tiomno¹⁷, Elisa Frota Pessoa¹⁸ e muitos outros, não poderia mais ser considerado como um candidato forte a ministro. Isso certamente o magoou muito. Quando em 1982, foi convidado por seu amigo, o ministro Renato Archer, para dirigir o CBPF, aceitou este convite como "um prêmio de consolação".

***IHU On-Line* - Qual o papel dele na Sociedade Brasileira de Física?**

Mario Novello - Talvez a sua mais importante contribuição foi tentar fazer a SBF ficar menos subordinada a um pequeno núcleo associado a físicos de São Paulo. Lutava para integrar o Nordeste e para que os físicos de lá não precisassem sair de suas universidades locais para vir fazerem carreira no Rio de Janeiro e em São Paulo, como ele foi obrigado fazer. O enorme desenvolvimento de universidades no Nordeste e no Norte do Brasil lhe

¹⁷ **Jayme Tiomno**: carioca, um dos ícones da física brasileira, co-responsável pela fundação, no final da década de 1940, do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Professor da Faculdade Nacional de Filosofia, da antiga Universidade do Brasil, catedrático da Universidade de São Paulo (USP) e pioneiro no ensino da física na Universidade de Brasília, Tiomno foi, durante a ditadura pós-1964, vítima de perseguições políticas que culminaram com sua cassação e demissão. Foi então acolhido pela PUC-Rio, junto com outros professores de diferentes áreas, que se encontravam em igual situação. Com a anistia, em 1979, Tiomno retomou suas atividades no CBPF e, de 1988 a 1996, foi presidente do Conselho Superior da FAPERJ. Agora aposentado, ainda atende pesquisadores que o procuram em busca de orientação. Ao longo da carreira, encerrada pela aposentadoria compulsória em 1990, Tiomno publicou mais de cem trabalhos em periódicos internacionais, o que lhe garante lugar na galeria dos mais respeitados cientistas do País. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ Física brasileira casada com Jayme Tiomno. (Nota da *IHU On-Line*)

trouxe muitas alegrias, embora isso não fosse suficiente para diminuir a enorme e quase absoluta preponderância de São Paulo nos destinos da SBF.

IHU On-Line - Qual a importância da equação criada por ele que mostrava a semelhança entre duas das forças fundamentais do universo: a nuclear fraca e o eletromagnetismo?

Mario Novello - Leite imaginou, com clarividência, que poderia acontecer nas interações de Fermi, a presença de um "boson vetorial massivo". Embora esta sua idéia tivesse sido desenvolvida e publicada como uma "hipótese de trabalho", ela resultou ser correta nas mãos de Weinberg¹⁹ e Salam²⁰. O que garantiu a esses dois um famoso prêmio (Nobel). Não tendo sido citado por aqueles autores, deve-se inferir que eles não tivessem conhecimento deste trabalho de Leite, caso contrário, eles o teriam associado a seus artigos. Isso o levava, muitas vezes, a afirmar - de um modo irônico, como era de seu feitio - que, se a ciência não fosse feita com sotaque americano, não era de boa qualidade...

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum comentário?

¹⁹ **Steven Weinberg** (1933-): físico americano. Recebeu em 1979 o Prêmio Nobel de Física pelo seu trabalho de unificação de duas forças fundamentais da natureza (o eletromagnetismo e a força fraca, através da formulação da teoria da força eletrofraca), em conjunto com os seus colegas Abdus Salam e Sheldon Glashow. Em 1991 foi agraciado com a National Medal of Science. Seu livro *Os três primeiros minutos* é um relato clássico do big-bang. É membro da Royal Society of London, da U.S. National Academy of Science, e recebeu numerosos títulos honorários, mais recentemente nas universidades de Columbia, Salamanca e Pádua. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ **Abdus Salam** (1926-1996): físico paquistanês. Foi Nobel de Física em 1979 pelas contribuições à teoria unificada das interações fracas e eletromagnéticas entre partículas elementares, inclusive, a predição das correntes neutras fracas. (Nota da *IHU On-Line*)

Mario Novello - Sim. Creio que Leite teve um mérito extraordinário e que o perseguiu toda a vida: o de não aceitar trivializar o conhecimento. Para ele, todo conhecimento deve ser profundo, descer às suas raízes e exibir suas conexões com outros, com o pensamento em geral. A compartimentalização do conhecimento era, para ele, um modo de abdicar de um conhecimento mais profundo sobre o saber. Todo saber que não tente almejar a totalidade, dizia, é superficial. Por isso, quando soube que eu, um antigo colaborador seu que, juntamente com Sergio Joffily, tínhamos sido seus primeiros alunos no Mestrado do CBPF estava, no final dos anos 1970, especializando-me em Cosmologia - a ciência, por excelência, das conexões entre os diferentes conhecimentos científicos e saberes - escreveu-me uma carta dizendo: "Estou sabendo que você escolheu o caminho mais difícil". Longe de isso ser uma crítica, reconheci (talvez pretensiosamente) que ele se orgulhara de seu antigo aluno.

Construtor obsessivo do campo científico nacional

Por José Sérgio Leite Lopes

O professor José Sérgio Leite Lopes, do Museu Nacional do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é o mais velho dos três filhos do físico José Leite Lopes, falecido no último dia 12 de junho. Ele aceitou o convite da *IHU On-Line* e escreveu um breve depoimento sobre seu pai, falando da importância dele como pessoa e como pesquisador. José Sérgio é organizador de, entre outros, *A Ambientalização dos Conflitos Sociais; Participação e Controle Público da Poluição Industrial*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

Falar de meu pai dois dias após sua morte, e após um longo período de coma, não é uma tarefa fácil, quando nos deparamos com a face pública de uma trajetória completa, através das breves notícias na televisão e podendo ser apreciada nos primeiros obituários da imprensa escrita. Como filho mais velho, pude vivenciar os reflexos, em casa, do que estava se passando com sua carreira profissional inicial: o engajamento em um campo científico internacional no pós-guerra, o usufruto da cultura erudita e da ciência praticados nos campus norte-americanos receptores de europeus exilados. Meu pai presenciava, assim, diretamente, de modo concentrado e profissional, aquilo que lhe fora ensinado e estimulado desde o colégio marista de Recife e por seus professores universitários locais, como o matemático Luis Freire, até os ensinamentos de professores na Faculdade Nacional de Filosofia no Rio de Janeiro.

Enquanto meu pai voltava, desta vez com minha mãe, às residências universitárias norte-americanas, eu pude aproveitar a minha primeira infância em estadias de sua cidade

natal, nas casas com quintais tropicais de familiares no Recife, com minha avó, vivenciando as tradições locais de meus pais. A junção da força dessas duas experiências de meu pai, a das tradições locais na província brasileira (e depois como jovem estudante na capital) e a do campo científico internacional, deram-lhe a possibilidade de ter uma atuação pioneira no Brasil como um dos fundadores das pesquisas em física e das instituições de fomento universitário, ao ensino e à pesquisa científica no País, desde os anos 1950. Pelo acesso àquilo que se passava na cena cultural e científica internacional podia forjar-se também um campo científico nacional, e meu pai foi um construtor obsessivo deste campo, dentre outros colegas, mediante uma atuação inovadora na universidade e na criação de instituições de pesquisa.

Por suas opções políticas privilegiando a transformação universitária e a afirmação nacional, contrariando interesses dominantes, teve a carreira no Brasil bloqueada e foi obrigado a prosseguir-la no exterior durante o regime militar. Através de sua vivência e do instrumental adquirido num campo científico de feição internacionalista,

sempre desejou aplicar tal perspectiva ao seu próprio país, como representante de países dominados no plano do poder mundial. Além de suas lutas pela Física e outras ciências no Brasil, também procurou fazer isso em escala continental, com os intercâmbios propiciados pela escola latino-americana de Física. Lembro-me de suas aflições com a derrota da seleção em 1950, com a morte de Vargas, com a deposição de Jango. De suas alegrias

com o trabalho, com a fruição da música e da pintura. Do ponto de vista de seus netos, com quem dialogava freqüentemente sobre futebol, ele representou o milagre de um cidadão de país dominado tendo podido contribuir para resultados na física por meio dos quais outros puderam ganhar o prêmio Nobel. Ele teve outras satisfações ao vencer adversidades e ter podido contribuir para muitos.

Entrevista da Semana

Futebol: ontem e hoje

Entrevista com Ruy Castro

Dando continuidade à discussão levantada pela matéria de capa da edição 184 da *IHU On-Line*, de 12 de junho de 2006, *Futebol: mística, identidade e comércio*, publicamos a seguir a entrevista exclusiva concedida pelo jornalista, tradutor e escritor, Ruy Castro, por e-mail à *IHU On-Line*.

A partir de suas obras, Ruy Castro consagrou-se como um dos escritores brasileiros mais respeitados na atualidade. Entre seus escritos, destacamos *O Amor de Mau Humor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; *O Anjo Pornográfico – A Vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; *Saudades do Século 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994 e *Estrela Solitária – Um Brasileiro Chamado Garrincha*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

***IHU On-Line* - O futebol virou um grande negócio. Quais as principais diferenças para a época do Garrincha, por exemplo?**

Ruy Castro – Uma delas você já falou: o futebol virou um grande negócio. No tempo de Garrincha, ou seja, nos anos 1950 e parte dos 1960, os clubes viviam da arrecadação nos estádios e das "contribuições" dos sócios ricos. Os jogadores recebiam o salário em dinheiro, na boca do caixa. Saíam dali e,

quando chegavam na esquina, já tinham gastado a metade. Nenhum deles ficava rico. Muitos tinham outro emprego além do futebol. Não se vendia publicidade no campo, nem na chuteira, nem no agasalho. Praticamente não havia a televisão. Em compensação, o Maracanã recebia públicos acima de 100 mil pessoas toda semana. Não estou querendo dizer que naquela época o futebol fosse melhor -- exceto, talvez, pelo fato de que era mais

ofensivo (cada time tinha pelo menos quatro atacantes!).

IHU On-Line - O senhor misturou literatura e futebol, por que isso? Qual seu

envolvimento com o futebol?

Ruy Castro - Não misturei literatura com futebol, porque não faço exatamente literatura -- faço biografia ou reconstituição histórica, e a literatura está mais para a ficção. Mas, como torcedor -- do Flamengo, lógico --, meu envolvimento é total e vem de longa data. Gosto sinceramente de futebol e ele tem me acompanhado pela vida toda. Já não vou ao Maracanã como antigamente, mas assisto a todos os jogos do Flamengo ou ouço-os pelo rádio -- o José Carlos Araújo, da Rádio Globo, fala nas transmissões: "É o Mengão do Ruy Castro". As pessoas conhecem mais o meu livro sobre o Garrincha, *Estrela solitária*²¹ e, por causa dele, alguns até pensam que sou Botafogo -- mas, se olharem a orelha do livro, verão que, atrás de mim na foto, está uma flâmula do Flamengo. E sou autor também de um livro sobre o clube: *Flamengo -- O vermelho e o negro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

IHU On-Line - Futebol e política andam de mãos dadas?

Ruy Castro - Não, não andam de mãos dadas, embora, às vezes, os políticos tentem se

aproveitar dele. Há casos escabrosos, como o do Eurico Miranda, que se aproveita de ser presidente do Vasco para se eleger deputado e, com isso, ter imunidade parlamentar. Resta ao torcedor do Vasco deixar de ser babaca e parar de votar nele, tanto para deputado quanto para presidente do clube. Aliás, nenhum dirigente que usa

²¹ CASTRO, Rui. *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. (Nota da *IHU on-Line*)

seu clube para se eleger na política deveria ser eleito.

IHU On-Line - Como se dão as relações entre jornalistas e jogadores de futebol? Que experiência poderia contar desses bastidores?

Ruy Castro - No passado, alguns jornalistas eram quase empregados de certos jogadores -- não pelo dinheiro, mas pela adoração. Nos anos 1930 e 1940, o repórter José Maria Scassa era secretário particular do Leônidas da Silva. Nos anos 1950 e 1960, o Sandro Moreyra, também famoso repórter, era tão amigo de Garrincha que encobria todas as suas peraltices -- chegava a botá-lo debaixo do chuveiro para fazer passar as suas carraspanas, e só depois o levava para treinar no Botafogo. E, até hoje, existe uma admiração quase homossexual dos jornalistas botafoguenses mais antigos pelo Nilton Santos. Acho que, no passado, os jornalistas eram mais torcedores do que hoje. O Fernando Calazans e o Roberto Assaf, por exemplo, são Flamengo, mas, pela maneira como eles malham o time pelo jornal e pela televisão, não se suspeita disso.

IHU On-Line - Hoje se o senhor tivesse que escrever um livro sobre algum craque como Garrincha, quem o senhor escolheria e por quê?

Ruy Castro - Nenhum. Já fiz dois livros sobre futebol e acho que está bom -- não gosto muito de me repetir nos assuntos.

IHU On-Line - Quais as principais mudanças que assinalaria no futebol e na forma de acompanhar e "torcer" na Copa do Mundo entre a época de Garrincha e a atual?

Ruy Castro - Hoje, se deixarmos, ficamos com indigestão de futebol na Copa do Mundo. No passado, a Copa era facultativa -- acompanhávamos, se

quiséssemos e, mesmo assim, era preciso esforçar-se para receber as notícias (pelo rádio ou pelos jornais). Agora ela é compulsória e não te dá tempo para mais nada. Mas, como sou meio ocupado, só ligo a televisão na hora dos jogos, ignoro aquela interminável “lingüiça” (até os

treinamentos e ginásticas são transmitidos!) e muito raramente vejo uma resenha depois do jogo. Além disso, tem aquela coisa: só torço pela seleção se ela jogar bem. O único time que pode jogar mal, perder de todo o mundo e, mesmo assim, continuamos fiéis a ele, é o nosso clube.

Artigo da Semana

O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental

O boletim eletrônico *Periscópio*, uma publicação mensal da Fundação Perseu Abramo, vinculada ao Partido dos Trabalhadores, aborda, em sua edição n° 58, junho de 2006 a relação da ética com a política. Segundo o boletim, ainda não foi superado o esforço do padre Henrique de Lima Vaz em reconstruir as bases de uma ética universal, de fundo transcendental, capaz de responder e dialogar com o enigma não resolvido da modernidade. O pensamento de Henrique de Lima Vaz - definido como o cristão mais erudito do Brasil -, procurou durante mais de quatro décadas responder a seguinte questão: “Como fazer frente ao espírito de cisão dos valores do sentido da vida que expõe dramaticamente a vida moderna aos tumultos da violência e barbárie?”

“O pensamento do padre Vaz - conclui o artigo, que não é assinado - está no centro de uma síntese ética que a civilização brasileira, em seu processo de autoformação, ainda não foi capaz de cumprir”. O artigo foi publicado também nas *Notícias Diárias* do sítio do IHU, no dia 13.6.06. Sobre o Padre Vaz a *IHU On-Line* dedicou um tema de capa na edição 19 do dia 27 de maio de 2002 por ocasião de sua morte.

É na obra filosófica monumental do padre Henrique de Lima Vaz que se expressou na cultura brasileira o esforço mais sistemático de reconstruir as bases de uma ética universal, de fundo transcendental, capaz de responder ao enigma irresolvido da modernidade. Dialogar com este esforço é fundamental

para se avançar na formulação de uma ética pública com base no diálogo entre marxistas e cristãos na cultura petista. Se na obra de Marx o tema da ética, como esfera relativamente autônoma da práxis foi internalizado na crítica às dimensões objetivamente desumanizantes do capitalismo, na

situação imanentemente revolucionária do proletariado e na programatização da sociedade comunista, nas correntes do chamado comunitarismo cristão a ética teve sempre uma expressão superlativa, explícita, fundante da política. A política sem uma orientação de seus fundamentos éticos seria um espaço sem sentido ou vazio para as diversas tradições do comunitarismo cristão.

Daí que estas correntes cristãs lancem a todos os que lutam contra as barbáries contemporâneas o seguinte desafio: como reencontrar um universo de valores comuns que dêem sentido à existência humana e permitam a construção de uma comunidade ética de âmbito universal? Ora, para os cristãos este fundamento ético deve atender aos critérios da anterioridade e da amplitude em relação à experiência humana histórica, deve preceder e englobar a contingência humana em um Absoluto transcendente, isto é, na fé.

A relação entre fé e política pode, em princípio, percorrer três caminhos

O primeiro seria o de absorver a política pela fé cristã, instituindo a teologia como fundamento da legitimidade do poder político. Este é, por excelência, o caminho de Santo Agostinho em *Cidade de Deus* (413-426), obra teológica de referência em todo um ciclo da vida européia após a agonia do Império Romano, na qual se programatiza a subordinação do poder terreno ao poder espiritual.

O segundo caminho seria aquele de São Tomás de Aquino (1225-1273) na *Summa Teológica*, obra que já recolhe a herança de Aristóteles em um sistema teológico. Nela se reconhece uma certa autonomia entre o sensível e o espiritual, entre poder terreno e poder temporal. As leis positivas do Estado deveriam especificar e circunstanciar as leis naturais, divinas na origem, mas capazes

de serem inteligíveis à razão humana. Por meio destas leis naturais e da noção de justiça é definido o princípio do bem comum em torno do qual devem gravitar os Estados. Em São Tomás de Aquino, portanto, é o fundamento teológico último que orienta a finalidade da política, já restaurada em sua autonomia parcial.

No Estado liberal moderno que nasce, em Hobbes e Locke, no processo da revolução inglesa do século XVII, a legitimidade do Estado passa a prescindir do fundamento teológico. Diante dele, a ética dos cristãos deixa de ser fundamento universal da legitimidade do Estado e passa a ser simplesmente a expressão de uma tradição na história, isto é, a partir de seus fundamentos de fé, os cristãos podem apenas reivindicar diante do Estado laico que ele atenda a seus reclames éticos. Enfim, uma "ética na política", assim como se expressa em todos os terrenos da vida social, como bem sintetizou Marilena Chaui na primeira entrevista do livro *Leituras da crise - Diálogos sobre o PT, a democracia e o socialismo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006, ou seja, não mais uma "ética da política", que fundamenta a própria legitimidade das instituições políticas, como postula a filósofa.

Henrique de Lima Vaz - "homem de 2.500 anos"

Ética teológica, ética político-teológica ou ética teológica na política: as duas primeiras relações sendo incompatíveis com o Estado liberal moderno e a última relação sendo insuficiente para fundar uma ética universal da política, como, então, fazer frente ao espírito de cisão dos valores do sentido da vida que expõe dramaticamente a vida moderna aos tumultos da violência e barbárie?

A resposta a este grande desafio ocupou durante mais de quatro décadas o

trabalho do pensamento filosófico daquele que foi certamente o cristão mais erudito do Brasil, o padre jesuíta Henrique de Lima Vaz. Este "homem de 2 500 anos", herdeiro da tradição dos gregos, da grande tradição latina e da síntese teológica cristã, era também capaz de dialogar com naturalidade e fluência com os pensadores contemporâneos, como Weber e Hannah Arendt²², Habermas e Charles Taylor²³. Foi, contudo, baseado em um diálogo muito alto com a grande síntese de Hegel e com a obra de Marx, ao final dos

²² **Hannah Arendt** (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica, nasceu em Hannover (Alemanha). Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Propôs, em uma distinção inusitada, que os termos labor, trabalho e ação fossem entendidos como diferentes formas de atividades fundamentais do ser humano, sendo aquele vinculado às necessidades biológicas, o intermediário ao artificialismo da vida moderna e esta às relações entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978; *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. Pensar. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D'Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaio*. Lisboa: Relógio D'Água (edição da Perspectiva, 2002). (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Charles Taylor**: filósofo canadense, autor de vários livros entre os quais se destaca: *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997. Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. No espanhol o livro se intitula *La ética de la autenticidad*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1994. Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000 e *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. (Nota da *IHU On-Line*)

anos 1950, que ele começou o seu longo caminho de maturação até a *Introdução à Ética Filosófica*. São Paulo: Loyola, 2002. 2v.

A aproximação de um "pensamento de 2 500 anos", em um curto ensaio, só pode ser entendida como um primeiro encontro, numa linha de aproximações sucessivas. Entretanto, embora em grande medida esta obra de pensamento tenha se feito na solidão do filosofar, no Departamento de Filosofia da UFMG e na Faculdade de Filosofia do Centro de Estudos superiores da Companhia de Jesus, o seu sentido só pode ser estabelecido em relação com o processo de nascimento, radicalização e classicização do comunitarismo cristão no Brasil.

Apesar de sua carta de entrada no mundo da filosofia ter se dado com uma tese doutoral sobre Platão, escrita ainda em latim e jamais publicada, a sua identidade pública funda-se com a publicação de dois ensaios *Cristianismo e consciência histórica*²⁴, que aparecem publicados em 1960 e 1961 na revista *Síntese Política Econômica e Social*. Nesta época, ocorre o primeiro encontro no Brasil entre o pensamento cristão e o marxismo, que se realiza na juventude universitária cristã, tem o epicentro no Nordeste, e depois se materializa na fundação da Ação Popular (AP). São os tempos de preparação do Concílio Vaticano II, da formação da CNBB sob a liderança de Dom Hélder Câmara²⁵, da

²⁴ Os dois artigos estão publicados em LIMA VAZ, Henrique C. de. *Ontologia e história. Escritos de Filosofia VI*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 165-217. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ **Dom Hélder Câmara**: cearense, foi bispo auxiliar do Rio de Janeiro, fundador, em 1952, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e, em 1964, assumiu o cargo de arcebispo de Recife. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Ele foi amplamente citado na *IHU On-Line* nº 96, de 12 de abril de 2004, que debateu o golpe militar de 1964. Confira especialmente a entrevista do historiador e padre José Oscar Beozzo. Confira, também, a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a*

educação popular com Paulo Freire²⁶, da primeira inserção da Igreja no trabalho pastoral camponês, de engajamento.

A influência de Vaz foi fundamental para a redação do manifesto dos estudantes católicos

A posição do pensamento de Vaz é aqui, emblemática, de todo o seu percurso. É um pensamento antitradicionalista, mas que não rompe com a tradição cristã, antes pretende recompor a sua identidade singular e imprescindível na modernidade. É um pensamento que reconhece na "razão alargada" de Hegel o esforço sistemático mais alto de reconstruir a reconciliação do mundo e da história cindido entre o projeto do Iluminismo e a fé, mas recusa o seu imanentismo panteísta, isto é, o engenho de configurar o Absoluto como um Espírito autoformativo inscrito na história. É um pensamento que faz já um diálogo filosófico com Marx, solidarizando-se com a sua intenção de universalidade e de humanização, mas configurando, segundo os próprios termos da dialética, os impasses do materialismo.

Igreja no Brasil, concedida por Ernanne Pinheiro à edição 157 da *IHU On-Line*, de 26 de setembro de 2005, *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*. A revista 125, de 29 de novembro de 2005, publicou a editoria *Memória* dedicada a Dom Hélder, intitulada *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ **Paulo Freire** (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, do dia 30 de setembro de 2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27 de setembro de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

Como mostra Emanuel de Kadt em *Católicos radicais no Brasil*. Ed. Universidade Federal da Paraíba, 2003, a influência de Vaz foi fundamental para a redação do manifesto dos estudantes católicos, cuja repercussão foi decisiva para a eleição como presidente da UNE, de Aldo Arantes, militante da JUC da PUC do Rio de Janeiro. Como diz Kadt, "este manifesto, vindo de estudantes de uma universidade católica, chocou a opinião católica estabelecida, não apenas por suas denúncias sobre a universidade burguesa alienante, a natureza de classe do Estado e a vacuidade das liberdades garantidas constitucionalmente, mas também por causa de sua audaciosa teologia da história, que era muito mais "avançada" do que tudo o que era comumente aceito como progressista no Brasil".

Em *Consciência e responsabilidade*, Vaz postula uma transformação baseada na compreensão das condições reais que se encontram aqui e agora, de suas raízes históricas, a grande contribuição de Marx. Afirma ainda: "o grande pecado do cristão hoje será o pecado de omissão histórica".

A influência de Vaz no chamado Documento base da AP do qual o PT pretende ser o principal representante

É ainda visível a influência formadora de Vaz no chamado *Documento base* da AP. Este documento é, sem dúvida, um marco fundamental na história da formação da cultura socialista e democrática, da qual hoje o PT pretende ser o principal representante no país. Há três razões para conferir-lhe um valor histórico transcendente.

Em primeiro lugar, ele solidariza definitivamente o *ethos* cristão, então em processo de autonomização da estrutura hierárquica da Igreja, com o destino dos pobres e trabalhadores

brasileiros. Abre-se com estas palavras fortes e inesquecíveis de uma consciência que se moraliza: "Nosso compromisso único é, pois, com o homem. Com o homem brasileiro, antes de tudo. O que nasce com a sombra da morte prematura, alongando-se sobre o seu berço. O que vive com o espectro da fome, habitando o seu teto miserável, acompanhando inseparável seus passos incertos, passos de quem caminha na vida sem esperança e sem rumo. O que cresce embrutecido e analfabeto, exilado, longe dos bens da cultura, das possibilidades criadoras, dos caminhos autenticamente humanos de uma liberdade real. O que morre de uma morte animal e anônima, atirado ao duro chão de sua miséria".

Em segundo lugar, por que situando "o marxismo como expressão mais profunda e rigorosa da crítica ao capitalismo e como interpretação teórica da passagem ao socialismo", liga a crítica da vulgata materialista à tese da ditadura do proletariado, à "hipertrofia do poder político, à consagração mítica do aparelho do partido, o fetichismo ideológico". Afirma: "as concepções materialistas (de consciência-reflexo, de consciência-produto, de consciência-instrumento), anulando a especificidade da consciência, anulam finalmente no homem sua condição de sujeito, de pessoa". Daí que, fugindo a uma cultura coletivista opressora, o "Documento Base" afirme que "a socialização não se opõe à personalização, o comunitário não se opõe ao livre. Condicionam-se dialeticamente."

Em terceiro lugar, porque vincula socialismo e democracia de forma estratégica, acentuando que "a socialização da propriedade é o processo de democratizar a distribuição e o uso dos bens decorrentes do trabalho humano, impedir sua função de dominação e, assim criar as bases para uma real democratização do poder."

Abrindo-se às contingências revolucionárias imprevistas, o texto afirma que "no momento revolucionário, deverá se dar a coalizão das diferentes forças políticas que por uma contingência histórica aceitaram uma participação unificada, num organismo que deve reunir progressivamente as forças populares, acentuando o caráter representativo do poder e abrindo-se ao debate que o tornará expressivo das necessidades e aspirações do povo".

Vaz problematiza a relação entre as consciências contemporâneas da modernidade e da consciência cristã

O tempo desta fecunda fusão entre a consciência cristã e a consciência revolucionária, ancorada em uma crítica marxista do mundo da dominação do capitalismo, foi tragicamente interrompido em 1964 e por seus desdobramentos, que levariam à cisão da AP original, confluindo-se em parte para o PC do B e, em parte, para uma outra organização, que desembocaria, no final dos anos 1970, na formação do PT. Há nesta conjuntura dramática e autocrítica uma espécie de dobra no pensamento de Vaz, no sentido de desdobrar-se sobre si mesmo, escavando fundo em sua própria cultura, que o fez não acompanhar, embora em uma posição solidária, os passos de radicalização do comunitarismo cristão que levariam à formação da teologia da libertação. Este recurso à filosofia parece, como recorda Maurício Marsola em *Modernidade e crise do humanismo*²⁷, o recuo de Carlos Drummond após o seu período de máximo engajamento poético: "Minha ilha ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto de ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens, nem me

²⁷ *Modernidade e crise do Humanismo*. In: Marcelo Perine. (Org.). *Diálogos com a cultura contemporânea. Homenagem ao Pe. Henrique Claudio de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2003, v. , p. 87-115. (Nota da *IHU On-Line*)

obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização”.

Se antes o pensamento de Vaz operava na vanguarda de destradicionalização da consciência cristã, diante do seu processo de radicalização vivido na teologia da libertação, ele se voltará não propriamente para a retaguarda, mas para o fundo. “A recente adoção, por parte de alguns representantes da prática historiográfica na Igreja, de um modo de pensar ideológico que se exprime freqüentemente numa fraseologia pseudomarxista nada tem a ver, portanto, com o encontro entre ciência histórica e tradição eclesial”, diz ele no ensaio *Política e história* de 1987.

As palavras duras : “Capturada nas linhas de força da ideologia da práxis revolucionária e do seu mito de um começo absoluto ou de uma história qualitativamente nova, a prática eclesial dos grupos mais avançados nessa linha inspirou uma escritura ideológica da história da Igreja que dissolve, aqui também, o topos da história *magistra vitae* (com a profunda significação que ela adquire no tempo da Igreja) e, por conseguinte, abandona a própria idéia da tradição. A historiografia torna-se ato político de crítica e rejeição de um certo passado da Igreja e práxis instauradora de uma Igreja qualitativamente nova.”

Agora imerso no tempo próprio da reflexão filosófica, Vaz problematiza de forma muito mais aguda a relação entre as consciências contemporâneas da modernidade e a consciência cristã. Não se trata mais de trabalhar com a linha que estabelece a continuidade entre o tempo teológico-político e o tempo da modernidade, identificado na recorrente reprodução dos grandes arquétipos cristãos (por exemplo, a filosofia da história que culminará no comunismo como expressão secularizada da caminhada da humanidade para o Reino de Deus). Trata-se de colher

dramaticamente a falência dos “humanismos antropocêntricos” em contraponto ao universo de sentido do “humanismo teocêntrico”. Diagnostica como central a categoria do niilismo ético, “o enigma de uma civilização tão prodigiosamente avançada na sua razão técnica e tão dramaticamente indigente na sua razão ética”.

O desafio da inteligência de Vaz está agora voltado para entender “este imenso abalo sísmico no subsolo da história espiritual do Ocidente, do qual emergiu o até então desconhecido continente da primeira civilização não-religiosa da história”. Está em busca do tempo axial, em que a civilização do Ocidente formou a sua primeira afirmação de sentido, o período histórico que vai dos fins da civilização grega e do nascimento de sua filosofia, do humanismo greco-romano à descoberta decisiva da transcendência humana na síntese que gerou o cristianismo.

Este o caminho de Vaz: em diálogo com a alta cultura da modernidade, pelo método de Hegel, da dialética que vai do particular ao universal por meio do singular, reconstruir a síntese teológico-filosófica de São Tomás de Aquino em uma ética universalista.

Vaz está no centro de uma síntese ética

Qual é o lugar, então, hoje deste pensamento que constrói sua identidade em uma relação histórica de vanguarda com o nascimento do comunitarismo cristão no Brasil e, depois, se classifica em uma busca de sentido na tradição?

A primeira tentação é a de afirmar que este pensamento, em sua inflexão filosófica e temporalidade própria, teria perdido relação orgânica com a cultura social brasileira contemporânea e, em particular, com as identidades mais visíveis da práxis do comunitarismo

cristão. Teria se transformado em um arcaísmo e se particularizado no interior de uma instituição.

Esta seria, no entanto, uma resposta ingênua e superficial. A noção de transcendência, central em toda a construção filosófica de Vaz, é vital na formação da civilização brasileira. Não são, por outro lado, as reiteradas expressões da idéia de "bem comum" matriz de uma incessante criação e inovação de direitos na cultura democrática do país? Não é a própria CNBB sede de uma síntese permanente entre o comunitarismo cristão e a tradição católica? Deste ponto de vista, o

trabalho do pensamento de Vaz no campo da filosofia seria a correspondente, no plano da cultura e da razão, da liderança construtiva de dom Hélder Câmara que, através da CNBB, deu singularidade à presença da Igreja Católica brasileira diante da Igreja romana.

Se isso é verdade, o pensamento do padre Vaz está no centro de uma síntese ética que a civilização brasileira, em seu processo de autoformação, ainda não foi capaz de cumprir. Dialogar com este esforço, que fez presença nas origens da cultura do socialismo democrático no Brasil, será o tema do próximo ensaio".

Filme da semana

Título Original: Árido Movie

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 115 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Site Oficial: www.aridomovie.com.br

Estúdio: Cinema Brasil Digital

Distribuição: Europa Filmes / M.A. Marcondes

Direção: Lírio Ferreira

Roteiro: Lírio Ferreira, Hilton Lacerda, Sérgio Oliveira e Eduardo Nunes

Produção: Murilo Salles e Lírio Ferreira

Fotografia: Murilo Salles

Direção de Arte: Renata Pinheiro

Figurino: Juliana Pryston

Edição: Vânia Debs

Sinopse:

Jonas (Guilherme Weber) é um jornalista de TV de São Paulo que viaja ao interior pernambucano, para enterrar o pai (Paulo César Peréio), que foi assassinado. No caminho, conhece Soledad (Giulia Gam), uma videomaker que prepara um documentário sobre a água. Sem que Jonas saiba, três amigos seus (Selton Mello, Gustavo Falcão e Mariana Lima) vão atrás dele.

Árido Movie

Por Neusa Barbosa

Publicamos a seguir o artigo de Neusa Barbosa, originalmente veiculado em 10-04-2006 na página www.cineweb.com.br.

Lírio Ferreira, um dos diretores (ao lado de Paulo Caldas) do celebrado *Baile Perfumado* (1996), volta ao sertão para falar da contradição básica que divide não só Pernambuco, sua terra natal e ambiente do filme, como o Brasil: o arcaísmo contra a modernidade. Na verdade, continua uma conversa que vem desde *Baile Perfumado* e o faz com muita propriedade, poucas certezas, alguns preciosismos, do que resulta um filme áspero, imperfeito e fundamental. Ninguém pode se dar ao luxo de ignorar o que Lírio tem a dizer, ainda que seja para discordar.

A primeira seqüência, num bar barato de beira de estrada, mostra o assassinato de Lázaro (Paulo César Peréio). Quem o matou foi o índio Jurandir (Luiz Carlos Vasconcelos), inconformado porque o homem queria seduzir sua irmã, a escultural Wedja (Suyane Moreira). A morte deflagra a história, pois Lázaro é membro da uma das mais influentes famílias do vale do Rocha, terra árida do interior pernambucano onde o que mais prospera é a miséria, o conchavo político e a vingança sangrenta, alimentados pela seca que embranquece a paisagem – aliás, fotografada com luz estourada e um esplêndido contraste por Murilo Salles (que não fazia uma direção de fotografia desde *Tabu*, de Júlio Bressane, em 1982).

Em São Paulo, a notícia da morte atinge Stella (Renata Sorrah), há muitos anos separada de Lázaro, e especialmente o filho dos dois, Jonas (Guilherme

Weber). Repórter meteorologista de TV, Jonas mal se lembra do pai. Mas decide que é preciso empreender esta longa viagem para enterrá-lo.

Nessa longa estrada que une as duas desiguais pontas do país – uma das muitas dualidades desajustadas do Brasil lembradas no roteiro – Jonas conhece Soledad (Giulia Gam), uma videomaker paulista que prepara um documentário sobre a água no sertão. Nesse ponto, a viagem abre-se em dois focos: o de Jonas e Soledad e, em paralelo, dos três amigos da época da faculdade de Jonas, Verinha (Mariana Lima), Bob (Selton Mello) e Falcão (Gustavo Falcão).

Não poderia haver viagem mais distinta do que a do casal e do trio. Soledad e Jonas empenham-se num tipo particular de descoberta dos ambientes e pessoas por onde passam, fora o mergulho emocional de Jonas no próprio passado, do qual está totalmente desenraizado. Enquanto isso, seus amigos – que o seguem, mas não o alcançam – são mauricinhos soltos na vida, cuja única busca é o prazer pela bebida, maconha, o que vier.

No destino final, no sertão pernambucano, as leis do imobilismo aguardam para tentar aprisionar todos na sua rede. Jonas descobre um mundo dominado por jagunços, autoridades corruptas e uma família medieval, que o espera para fazer justiça com as próprias mãos.

A presença dos índios na história é um aspecto interessante e realista, já que Pernambuco é um dos estados com maior população indígena do País (tem três reservas). Fora Wedja e o perseguido Jurandir, uma figura luminosa aqui é a de Zé Elétrico (José Dumont, como sempre iluminado). Ele é um verdadeiro filósofo, pragmático e consciente de tudo o que está à sua volta, ainda que não possa interferir a fundo no curso dos acontecimentos. É a consciência, uma espécie de centro moral, embora cínico e cético, do filme.

Soledad, em sua busca de retratar com alguma objetividade os diversos

personagens desse mundo, encontra o místico *Meu Velho* – vivido por um José Celso Martinez Corrêa imbuído do espírito de Antônio Conselheiro, cuja saga vem encenando no teatro. Entretanto, nesse terreno místico tanto quanto no político, oculta-se a manipulação.

Cada personagem tem a sua verdade, o seu ponto de vista, mas nunca se procura fechar as respostas. *Árido Movie* é uma sólida coleção de perguntas dolorosas, profundas, sinceras e essenciais. Quem se importa com o Brasil, tem de assistir a este filme.

Diretor enlaça histórias em filme de exuberância barroca

Por Inácio Araújo

Confira o artigo de autoria de Inácio Araújo publicado originariamente em <http://www.webwritersbrasil.com.br/detalhe.asp?numero=1164>.

O cartão de visitas, Lírio Ferreira entrega logo nas cenas de abertura: desfoques, uso ousado de lente grande-angular, um plano vertiginoso de Recife, angulações inesperadas. O que vem a seguir não desmente esse início vertiginoso. Estamos no território do barroco, aonde nos leva já um roteiro com várias histórias que parecem nascer umas das outras. A primeira delas, central, diz respeito a Jonas, homem do tempo de um canal de TV em São Paulo, que precisa se deslocar a Pernambuco para os funerais de seu pai, assassinado, a quem não via há milênios. De Recife ele viaja para Rocha, no interior, onde sua família o espera, enquanto prepara a vingança.

Em Recife, ele encontra um grupo de amigos *outsiders* que resolve fazer uma excursão até Rocha para acompanhar o

amigo. A viagem será acidentada. A terceira história diz respeito ao encontro de Rocha com a artista Soledad, que trabalha as relações decorrentes da seca na região. Podemos acrescentar a essas uma quarta história, a da família do assassino do pai, isto é, dos descendentes de indígenas que moram na região.

Com todos esses elementos (que lembram essas teias ficcionais hiperbólicas em que é pródigo um Carlos Reichenbach) para organizar num todo coerente, não é de espantar que estejamos diante de um filme de exuberância barroca, em que a luz é marcada por contrastes radicais e a imagem, por panorâmicas de 360 graus, cenas inteiras compostas em espelhos retrovisores, uma câmera que, se posta ora lá em cima, ora cá embaixo e que

parece se abrir a todas as influências do mundo: Godard e Welles, Sergio Leone e o faroeste, Glauber Rocha e o cinema dito marginal.

Lírio Ferreira se entrega a sua arte com paixão. Ele filma o agreste pernambucano como quem faz um faroeste. Mostra o sentimento de seus atores (Luiz Carlos Vasconcelos e Aramis Trindade em particular), ocultando-lhes os olhos. Retrabalha o clichê das vinganças nordestinas até desfigurá-lo. Ele pinta as estradas secas do Nordeste buscando o mesmo ânimo de Welles ao descrever a fronteira EUA/México.

Aos poucos, a gama de contrastes se alastra, ocupa o filme: branco e índio,

interior e capital, seca e água, misticismo e racionalidade, Sudeste e Nordeste. É em meio a essas tensões que *Árido Movie* instala seu protagonista, que, com justa razão, se vê perdido nesse espaço múltiplo, labiríntico, incompreensível, talvez absurdo em que se dá esse drama do subdesenvolvimento cavalariço.

Drama que, não sem ironia, o filme vê se transformar, no Sul, em exposição de arte, tutelada pela imagem de Meu Velho, o místico picareta. Sabemos então que *Árido Movie* quer extrair dessa paisagem e de seus personagens uma imagem do Nordeste que seja verdade, não arte. Em poucas palavras: esse primeiro vôo solo de Ferreira é bem mais que animador.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria Notícias Diárias apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. Abaixo algumas notícias selecionadas, extraídas desse link do sítio do IHU.

Além do futebol, que dominou a agenda nacional e internacional, algumas notícias não diretamente vinculadas ao esporte merecem ser destacadas.

Só em junho, “fugiram” do Brasil, R\$ 1, 127 bilhão. Para mais detalhes confira as Notícias Diárias de 15/06/2006.

Temas relacionadas ao ambiente também foram destaque nesta semana. A principal é o dado da Organização Mundial da Saúde – OMS – revelando que uma em cada quatro pessoas doentes no mundo sofre de algum mal relacionado a questões ambientais que poderiam ser perfeitamente evitadas. Confira as Notícias Diárias de 16/06/2006.

Um imenso impacto ambiental, por sua vez, é causado pelos mil novos veículos que chegam às ruas, diariamente, na China. Confira as Notícias Diárias de 16/06/2006.

O artigo semanal do jornalista Washington Novaes, publicado sempre às sextas-feiras, no jornal Estado de S. Paulo cobra do governo Lula a necessidade de uma discussão clara sobre nossa matriz energética. Confira as Notícias Diárias de 16/06/2006.

O mesmo jornal paulista publica uma reportagem, no sábado, sobre o agricultor Pedro Diesel, de Matelândia, no Paraná que ressuscita nascentes de rios. Confira as Notícias Diárias de 17/06/2006.

Stephen Hawking, astrofísico inglês de fama internacional, prevendo que a Terra se tornará inabitável, prevê que os seres humanos buscarão um outro planeta para viver. O problema é que, segundo ele, não encontrarão nada de tão belo como a Terra. Confira as Notícias Diárias de 17/06/2006.

Frases da semana

”Lula é raiz. Lula é Brasil profundo. O presidente reflete muito do homem médio brasileiro.” - Cláudio Lembo, governador de São Paulo PFL - *Zero Hora*, 11-6-2006.

”Sou um construtor de altares. Construo meus altares com poesia e música. Eu os construo na beira de um abismo profundo, escuro e silencioso...” - Rubem Alves, pedagogo, respondendo à pergunta: ”Você acredita em Deus?” - *Folha de S. Paulo*, 13-6-2006.

”Sofri muito. É triste, mas o MDB não vai ter candidato.” - Pedro Simon, senador PMDB-RS - *Zero Hora*, 13-6-2006.

”A Croácia foi para cima e, em vez dos Ronaldos, a torcida gritou o nome de Dida. Está dito tudo.” - Clóvis Rossi, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 14-6-2006.

”É difícil saber o que é a esquerda num mundo tão confuso como o nosso. É difícil inclusive explicar o que significa ser de esquerda quando surgem problemas tão complexos a imigração ou o problema da segurança”, afirma Jorge Semprún, escritor espanhol, em entrevista publicada hoje, no jornal espanhol *El País*, 16-6-2006.

”Constatamos que uma parcela considerável das espectadoras já não valoriza tanto a retidão de caráter. Para elas, fazer o que for necessário para se realizar na vida é o certo. Esse encontro com o público me fez pensar que a moral do país está em frangalhos.” - Sílvio Abreu, autor da novela “Belíssima” - *Veja*, 21-6-2006.

”Tornei-me menos entusiasta e mais exigente.” - Chico Buarque em entrevista publicada no jornal - *El País*, 17-6-2006.

Destques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sitio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sitio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Seleccionamos algumas dessas entrevistas e apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas nas *Notícias Diárias* do sitio, na data correspondente.

Título: O tráfico de seres humanos e a Copa do Mundo

Entrevistada: Jacqueline Oliveira Silva, socióloga

Entrevista: O tráfico humano foi tema da entrevista publicada no dia 12-06-2006 nas *Notícias Diárias* do sitio do IHU. A professora Jacqueline Silva, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos abordou a Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. A professora Jacqueline coordenou uma pesquisa do Ministério da Justiça em parceria com o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime, realizada entre 2003 e 2005, que deu ênfase ao tráfico de mulheres e crianças para fins de exploração sexual, trazendo desagradáveis constatações. A entrevista concedida à *IHU On-Line* foi publicada também pela Agência Adital (www.adital.org.br) e pela Revista Fórum (www.revistaforum.com.br).

Título: A violência contra a população indígena.

Entrevistado: Antonio Brand, antropólogo

Entrevista: O antropólogo Antonio Brand, coordenador do Grupo Caiová Guarani da Universidade Católica Dom Bosco, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, abordou a situação dos povos indígenas no País, tendo como referência o relatório do (Conselho Indigenista Missionário - CIMI), divulgado no último dia 31 de maio de 2006. O relatório, intitulado *A Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil*, traz dados alarmantes sobre uma situação de genocídio no Mato Grosso do Sul. A entrevista foi publicada nas *Notícias Diárias* do sitio do IHU de 13-06-2006.

IHU em revista

Eventos	pg. 38
IHU Repórter	pg. 48
Errata	pg. 50

O incrível exército de Brancaleone

Quarta com Cultura Unisinos – IHU Debate

A próxima atividade do **Quarta com Cultura Unisinos – IHU Debate** é a exibição e o debate do filme *O incrível exército de Brancaleone*, do cineasta italiano Mario Monicelli. O Prof. MS Ricardo Fitz, das Faculdades Porto-Alegrenses (FAPA), será o conferencista. O evento se realizará das no dia 21 de junho, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre. A entrada é gratuita.

Exibido na Unisinos em 5 de outubro de 2005 no **Ciclo de Estudos Idade Média e Cinema**, promovido pelo IHU, *O incrível exército de Brancaleone* andou na contramão das tendências cinematográficas de sua época. A produção, de 1966, satiriza a Idade Média numa metáfora à sociedade italiana governada por Benito Mussolini, o Duce, consagrando-se como um marco da comédia dentro e fora de seu país de origem. Brancaleone, um anti-herói quixotesco, é o líder de um exército de maltrapilhos e párias que o seguem por toda a Europa, assolada pela peste, fome e outras calamidades. Para conferir maiores detalhes sobre a trama, consulte a edição 162 da ***IHU On-Line***, de 31 de outubro de 2005, na qual Fitz pondera a respeito dos elementos envolvidos nesse clássico do cinema. Leia a referida revista acessando o sítio do IHU, link *Publicações*, no endereço www.unisinos.br/ihu.

Fitz é graduado e mestre em História. A graduação foi realizada nas Faculdades Porto Alegrenses de Ciências e Letras (FAPA) e o mestrado na Unisinos. Atualmente, leciona na FAPA.

“Ah! Não vai dar nada!...”

Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade

IHU Idéias

Expressão bastante ouvida nos últimos anos, “Ah! Não vai dar nada!...”, guarda um sentido muito mais sério do que se pode supor. É o que afirma o filósofo e psicanalista Mario Fleig em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, adiantando aspectos sobre o evento que conduz em 29 de junho, na penúltima edição do **IHU Idéias** neste semestre: “As patologias da responsabilidade aparecem como um efeito generalizado da progressiva impessoalização das relações de trocas, tendo assim um alcance globalizado, que segue de perto a expansão da economia do livre mercado.” A atividade, que tem entrada franca, vai das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. O título é sugestivo: *“Ah! Não vai dar nada!...” Patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade*. Vale a pena conferir...

A conferência do prof. Mário Fleig, nesta quinta-feira, constitui-se no pré-evento do **Simpósio Internacional O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos** a ser realizado de 21 a 24 de maio de 2007, na Unisinos.

Já foram convidados e confirmaram sua participação, entre outros, Charles Melman, psicanalista francês, Gianni Vattimo, filósofo italiano, Paul Valadier e Jean-Claude Monod, filósofos franceses e o antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro. Fleig é professor do curso de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia pela UFRGS, com a dissertação *Os esquemas horizontais em Ser e Tempo*, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a tese *O tempo é a força do ser – Lógica e temporalidade em Martin Heidegger*, e pós-doutor pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França, em Ética e Psicanálise. A edição 150 da *IHU On-Line*, de 8 de agosto de 2005, entrevistou Fleig sob o título *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família*. Mais recentemente, na edição 179, de 8 de maio de 2006, Fleig concedeu a entrevista *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização*. Confira a entrevista que segue e participe do **IHU Idéias** desta quinta-feira.

O declínio da responsabilidade

Entrevista com Mario Fleig

IHU On-Line - Qual é a relação da expressão "Ah! Não vai dar nada" com patologias da responsabilidade e delírio de autonomia na pós-modernidade?

Mario Fleig – Para termos uma idéia do alcance da “cultura” do “não dá nada”, é preciso lembrarmos que a noção de responsabilidade, na tradição grega, começa a ser formulada em confronto com a noção de destino. Se partilharmos a concepção do destino cego, interpretado como determinação absoluta de nossas ações, então não há como sofrermos sanções relativas ao que fazemos. Fazendo isso ou aquilo, tanto faz. Contudo, os gregos começaram, especialmente na tragédia, a formular a noção de responsabilidade, mesmo conservando a crença no destino, ou seja, o destino não anularia a responsabilidade. Esta mesma formulação encontramos, por exemplo, no mito de Er, que aparece no final da **República** de Platão. Cada um recebe sua parte, ou seja, seu destino, mas não deixa de ser responsável pelo mesmo. Em Aristóteles, na **Ética a Nicômaco**, encontramos uma final elaboração da noção de responsabilidade, que requer dois elementos: o discernimento do que seja a melhor ação e o ato de escolha. O ato de escolha bem fundado requer a capacidade de discernir entre alternativas que se apresentam para o agente.

Já na tradição judaico-cristã encontramos a noção de pecado, que pressupõe, para além do que poderia estar predestinado para cada um, a escolha. Deste modo, se há possibilidade de escolha, amparada no discernimento de alternativas, o sujeito que age pode ser imputado, ou seja, pode ser responsabilizado.

Retorno a um destino cego

O que observamos na modernidade recente, formulado em meados do século passado, é o surgimento de algo como uma “moral sem pecado”, ou seja, façamos como queremos, e isso não terá nenhuma consequência. Se agirmos bem, é ótimo. Se agirmos mal, não se preocupe. Sendo assim, parece que no contexto dito “pós-moderno” há um retorno para uma nova forma de destino cego, com o progressivo apagamento da noção de responsabilidade. Responsabilidade significa, literalmente, responder por, ou seja, *res pondere*, do latim, pôr, colocar a coisa. Que coisa? Aquela que importa para a vida de cada um em comum com os outros, e para a excelência disso. *Res* como em *res+pública*, o cuidado com a coisa pública. Se o pressuposto do agente é que “não vai dar nada”, isso implica que se entrega aos acontecimentos, forma de destino e, além disso, que não lhe cabe responder por isso. O declínio da responsabilidade afeta não só a coisa privada, mas igualmente a coisa pública. Anuncia a ruína da República, o fim da política.

Por isso levantamos a hipótese de que o delírio de autonomia, ancorado no pressuposto de que tudo é possível ou dito de outra maneira, de que não há nada impossível, ou seja, de que não há interdito que tenha consistência, não há, portanto, lei alguma, realiza o seu contrário: ele se revela como a mais extrema e rígida entrega a um obscuro destino. O que funda a responsabilidade é a instância da lei, não simplesmente positiva, mas simbólica, ou seja, a noção de que os atos são atos, isto é, que têm efeitos, no mais das vezes, irreversíveis. O que pode gerar autonomia é precisamente a vigência da lei simbólica. A demarcação da borda, ou seja, de onde se encontra o impossível, abre a liberdade do possível e do contingente,

campo do que pode ser de modo não necessário.

Quais seriam os determinantes psíquicos e sociais das novas patologias da responsabilidade? Podemos dizer que estão ligadas ao que constitui a modernidade e pós-modernidade, formas culturais próprias do Ocidente. As patologias sociais e individuais comumente são geradas pela cultura em que se encontra. As determinações sociais do indivíduo, conforme nos ensina a antropologia cultural, a sociologia e a psicologia, não podem ser desconsideradas.

***IHU On-Line* - Que patologias seriam essas e quais seriam os grupos mais suscetíveis a elas?**

Mario Fleig – Havia um tempo em que ainda se podia pensar que as novas patologias psíquicas e sociais eram fenômenos restritos aos indivíduos e, portanto, localizáveis. Esta forma de pensar ainda perdura nas concepções que atribuem tais patologias apenas à causalidade biológica (haveria um gene para o crime?), e que então bastaria encontrar o psicofármaco adequado e o problema estaria resolvido. A medicalização generalizada de toda a sociedade poderia ser, então, uma proposta de equacionar o problema. Seria isso aceitável? Se assim fosse, ficaria evidente que o pressuposto do bom funcionamento do social diante da patologia dos indivíduos, que então teriam duas saídas: ou adaptar-se à sociedade ou serem medicalizados. Parece, contudo, que esta perspectiva já tradicional, veiculada nas teorias sociais ditas “funcionalistas”, não dá conta do fenômeno atual, que se apresenta de forma generalizada.

As patologias da responsabilidade aparecem como um efeito generalizado da progressiva impessoalização das relações de trocas, tendo assim um alcance globalizado, que segue de perto a expansão da economia do livre

mercado. Na formulação de J. Lacan²⁸, trata-se do efeito de forclusão do sujeito, operação específica da ciência moderna. No campo desta, essa operação é condição para seu progresso e êxito. Bem diferente, é o efeito no social do discurso da ciência: incremento de organizações da vida cotidiana nos moldes impessoais, que produzem o incremento na circulação de enunciados destituídos de sua enunciação. Ora, o que funda a responsabilidade não é apenas a atribuição de responsabilidade por parte de alguém ou de alguma instância para o sujeito de um ato. Isso não basta, como se percebe na tentativa de punir o ato criminoso. O que funda a responsabilidade é sempre da ordem de uma implicação do próprio sujeito no que lhe acontece, ou seja, que a ação (seu enunciado) seja apropriado pelo sujeito, ao poder se reconhecer naquilo que faz. Isso não pode ser inscrito senão na relação com o semelhante, que também ali está como sujeito, ou seja, não descolado de sua própria enunciação.

Medicamentos e desresponsabilização

Por exemplo, tentando ser mais claro: se atribuo minha tristeza ou minha alegria apenas ao meu organismo, desconsiderando as sobredeterminações oriundas de minha ação, ou seja, se penso que só poderei sair da depressão com a ajuda de um psicofármaco, a quem estou atribuindo a responsabilidade do que me acontece? O responsável seria a medicação ou meu organismo, não tendo nada a ver comigo. Isso abre a porta de minha desresponsabilização, porta que tende a

²⁸ **Jacques Lacan (1901-1981):** psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

fazer série, cadeia, cascata. A responsabilidade, então, passa a ser atribuída a outro.

Nossa hipótese é que o incremento nos dispositivos impessoais, que dispensam o sujeito da enunciação, produzem ao mesmo tempo a proliferação da não-responsabilidade, o incremento na busca do “contrato social” (mais leis positivas) em substituição ao pacto simbólico, a atribuição de “responsabilidade” para instâncias impessoais (o biológico, o psicofármaco, a sociedade etc., enfim, novos nomes para o destino cego). O efeito subjetivo disso se mostra no aumento da depressão, ou seja, a percepção subjetiva de baixa estima, de incapacidade etc. Vemos, então, que o exercício da responsabilidade pressupõe o reconhecimento de valor naquilo que um sujeito faz. Da patologia da responsabilidade individual logo se passa para o declínio da responsabilidade social, que parece não ter causas muito diferentes.

***IHU On-Line* - Quais são os limites e as possibilidades da autonomia para o sujeito pós-moderno?**

Mario Fleig - A autonomia bem fundada requer o reconhecimento da lei simbólica. Como preservar seu exercício no contexto da pós-modernidade, fundada na renúncia à tradição e orientada pelo ideal de inovação e criação? Penso que isso está para ser inventado, mas creio que tal caminho não seria possível sem que se preserve a conquista ocidental do valor da enunciação do sujeito. A dimensão do si mesmo, que se revela nas situações limites como a angústia, a sexualidade e a morte, não pode ser anulada sem que junto vá a dimensão da responsabilidade.

***IHU On-Line* - Quais caminhos de responsabilidade coletiva podem se vislumbrar numa sociedade em que o sujeito tende à total autonomia, mas ao mesmo tempo se defronta**

com problemas como os ecológicos, entre outros que ameaçam sua própria descendência?

Mario Fleig - Em nossos tempos, já não basta sermos responsáveis pelo que fizemos ou deixamos de fazer. Já temos suficientemente consciência dos efeitos das inovações que podemos introduzir na vida cotidiana ou no meio ambiente. Esta é a consciência da responsabilidade pelo futuro. Isso é algo que os antigos nunca haviam pensado, pois supunham que o futuro não passava de uma repetição do passado. Hoje, pelo contrário, sabemos que o futuro se decide no que hoje escolho. Assim, temos uma responsabilidade pelo que ainda não aconteceu. Como assumi-la?

***IHU On-Line* - Como a psicanálise se posiciona quanto à relação entre essas patologias e ao modo como a indústria farmacêutica trabalha com elas?**

Mario Fleig - Os psicofármacos trouxeram um grande alívio para o sofrimento psíquico e uma promessa de vida mais feliz. E é assim em muitos casos, pois para certas situações, é a melhor saída. Em meu trabalho como psicanalista, contudo, ouço muitas pessoas se colocarem o problema dos benefícios do medicamento: se eu fico bem com a medicação, me dizem, é por que eu estou bem, ou eu continuo mal, e é o medicamento que me deixa bem? Se é graças ao medicamento, então significa que não sou capaz, etc. Vejam, começa um problema sobre a responsabilidade de seu próprio bem-estar. O medicamento pode produzir um efeito subjetivo, e não medicamentoso, que leva a uma confirmação da incapacidade na qual o sujeito já se encontrava.

Um segundo problema que encontro, diz respeito à medicalização generalizada. Professores de uma escola me relataram, tomando apenas uma sala de aula de crianças em torno de 11 anos, que 70% dos alunos tomavam algum

psicofármaco. A maior parte deles tomava medicação para TDA, transtorno de déficit de atenção. E eles se perguntavam o que estava acontecendo,

por que tanto alunos precisavam de Ritalina. Está claro que se referiam ao que estaria fracassando em seu trabalho como professores.

Documentário *Jango* em exibição no IHU História do Brasil e Cinema

Exibir e comentar o documentário *Jango*, do cineasta brasileiro Sílvio Tendler. Com esse propósito acontece dia 24 de junho, das 8h30min às 12h30min, mais uma edição do evento **História do Brasil e Cinema**, desta vez a cargo da Prof.^a Dr.^a Fatimarlei Lunardeli, docente na Unisinos. Anote em sua agenda: é na sala 1G119 do IHU, com entrada gratuita.

Lunardeli é graduada em Comunicação Social Jornalismo Gráfico e Audiovisual pela UFRGS e especialista em Comunicação Social Estilo Jornalístico pela PUCRS. É mestre em Artes e doutora em Comunicação pela USP, com a tese *Memória e identidade: a crítica de cinema na década de 1960 em Porto Alegre*. Escreveu as obras *Ô psit! O cinema popular dos Trapalhões*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996 e *Quando éramos jovens: história do Clube de Cinema de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS; UE da Secretaria Municipal de Cultura, 2000. É uma das organizadoras de *Unicultura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

“O homem errado, na hora errada, no lugar errado”

Entrevista com Marco Antonio Villa

Essa é a avaliação do historiador Marco Antonio Villa, a respeito de João Goulart, mais conhecido como Jango, diante da presidência brasileira de 1961 a 1964. Em entrevista por telefone à *IHU On-Line*, falando sobre a biografia que escreveu, *Jango, um perfil (1945-1964)*. São Paulo: Globo, 2004, o historiador afirmou que Jango não estava à altura das necessidades históricas das quais o Brasil tinha necessidade naquele momento. E arremata, comparando Jango a Vargas: “Jango é uma figura

menor, que tem uma saída grotesca, uma ópera-bufa que foram os acontecimentos de 31 de março, 1º e 2 de abril de 1964.”

Villa é graduado em História, mestre em Sociologia e doutor em História Social pela USP com a tese *Canudos, o povo da terra*, publicada em formato de livro e já em sua terceira edição pela Editora Ática, de São Paulo. Escreveu diversas outras obras, entre elas *Canudos, história em versos de Manuel Pedro das Dores Bombinho*. São Paulo: Hedra/Edufscar/Imprensa Oficial, 2002 e *Caminhos da História: das comunidades primitivas às vésperas da Independência*. São Paulo: Ática, 2003. Atualmente leciona na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Na edição 92 da *IHU On-Line*, de 15 de março de 2004, Villa concedeu-nos entrevista, assim como nas edições 95, de 5 de abril de 2004, e 111, de 16 de agosto de 2004, falando sobre *A passagem do Brasil rural para o Brasil industrial*. Todas as entrevistas estão disponíveis para *download* no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu.

***IHU On-Line* – Como o senhor definiria o político Jango?**

Marco Antonio Villa – Jango era um homem simpático e, dentro da tradição brasileira, cordial. A ênfase do livro *Jango* é justamente no aspecto do Jango como homem político. Nesse campo, tenho uma avaliação bastante negativa dele. Acho que era o homem errado, na hora errada, no lugar errado. Ele, infelizmente, não tinha as condições mínimas para o exercício de funções tão importantes que ele acabou exercendo, desde deputado estadual e federal, ministro, vice-presidente e, finalmente, presidente da República num momento de grande tensão política que vivia o Brasil, a América Latina e o mundo. O retrato do político de Jango é o retrato com tintas bastante pesadas e que revela uma pessoa, um personagem que não estava à altura das necessidades históricas que o Brasil precisava naquele momento.

***IHU On-Line* – Quais aspectos da vida pessoal de Jango repercutiram sobre sua trajetória política?**

Marco Antonio Villa – Uma questão importante é que Jango não tinha a formação indispensável para o exercício da Presidência da República, que é o conhecimento, um interesse pela

leitura, política, filosofia, literatura ou sociologia. Ele lia muito pouco ou quase nada. Sua passagem pela Faculdade de Direito em Porto Alegre foi pífia. Essa má formação acaba, evidentemente, tendo influências em sua vida política. Além disso, ele tem uma relação de estancieiro que leva para a Presidência da República, tratando, muitas vezes, o País como se fosse sua estância. Ele não tem noção republicana de que os interesses coletivos não são, necessariamente, os interesses particulares ou o seu interesse particular. Há um momento que eu relato no livro, por exemplo, no qual os trabalhadores que construíram Brasília, após terminada a obra, desempregados, fazem uma manifestação indo ao Palácio do Planalto. Entram cinco mil trabalhadores no Palácio e saem de lá como funcionários públicos federais. Isso realmente é uma coisa impossível. Resolve-se um problema à custa do erário público, quando deveria ter outro tipo de enfrentamento. A formação de Jango, portanto, acaba tendo uma influência direta no cotidiano político que exerceu.

***IHU On-Line* - O senhor definiria como ambíguo o posicionamento político de Jango? Por quê?**

Marco Antonio Villa - Em momento algum, Jango teve um posicionamento de direita, esquerda ou centro. Acredito que sua postura era fruto da tradição da luta política que se travou no Brasil nos anos 1950 e 1960. Jango estava mais vinculado ao ideário varguista do que a esses posicionamentos oriundos da Revolução Francesa (direita, centro e esquerda). A grande questão que destaque no livro é que ele esteve muito distante do seu criador, afinal a figura de Getúlio²⁹, uma figura histórica, marcante, teve sua tragédia final em 24 de agosto. Jango é uma figura menor, que tem uma saída grotesca, uma ópera-bufo que foram os acontecimentos de 31 de março, 1º e 2 de abril de 1964.

***IHU On-Line* - A herança política de**

²⁹ **Getúlio Dornelles Vargas** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio, o IHU promoveu o **Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004**, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição **Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios**, no Espaço Cultural do IHU. A revista ***IHU On-Line*** publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004, o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o ***IHU Idéias Getúlio, 50 anos depois***. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Idéias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar o **Caderno IHU em formação** número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no sítio www.unisinos.br/ihu. (Nota da ***IHU On-Line***)

Getúlio pesou como um estigma sobre o governo de Jango?

Marco Antonio Villa - Acredito que essa herança pesou, a princípio, como um elemento favorável a Jango. Ele faz sua carreira no pós-54 como herdeiro de Getúlio. Graças a essa “mística” é que ele foi eleito vice-presidente de Juscelino Kubitschek³⁰ e, depois, vice-presidente, embora não na chapa de Jânio Quadros, mas vice-presidente em 1960. Essa mística é que o permite manter-se na vida política durante mais dez anos. Para seus adversários, no entanto, a identificação com o varguismo era um elemento que criava um estigma. O mais importante é que sua carreira política se desenvolve no pós-54 como herdeiro de Getúlio, e é a isso que deve ser creditado o sucesso da carreira de Jango.

***IHU On-Line* - Jango é acusado de não ter um projeto de governo para o Brasil, e sim um projeto de poder. Isso faz jus à verdade?**

Marco Antonio Villa - Sim, isso é verdadeiro. Jango não tinha um projeto de governo. Ele não tinha a mínima idéia de como funciona a coisa pública, o governo, do que devia fazer para o ano ou o mês seguinte. O Plano Trienal, elaborado por Celso Furtado³¹, quarenta

³⁰ **Juscelino Kubitschek de Oliveira** (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28 de novembro de 2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível para download na página do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da ***IHU On-Line***)

³¹ **Celso Furtado** (1920-2004): economista brasileiro, membro do corpo permanente de economistas da ONU. Foi diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e membro da Academia Brasileira de Letras. Algumas de suas obras são *A economia brasileira* (1954) e *Formação econômica do Brasil* (1959), apresentado pelo Prof. Dr. André Moreira Cunha (UFRGS) em 11 de setembro de 2003 no evento **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. A editoria *Entrevista da Semana* da revista ***IHU On-Line*** edição 155ª, de 12 de setembro de 2005

dias depois já havia sido colocado em segundo plano por uma série de medidas adotadas por Jango. Ele não tinha projeto de governo, o que ele queria era arrastar o governo até 1965, quando aconteceriam eleições, e o projeto que tinha de poder é a reforma da Constituição, permitindo a reeleição. Isso porque a reeleição era proibida naquele momento pela Constituição de 1940. Então, Jango queria uma emenda constitucional que permitisse sua candidatura em 1965 em condições muito favoráveis. Portanto, projeto de governo, o governo Goulart, em seus quase três anos, não tinha.

***IHU On-Line* – O senhor acha que o Comício da Central precipitou o golpe de 64?**

Marco Antonio Villa – Não. Esse é um tema que trato num dos capítulos do livro. Criou-se um mito de que, no dia 13 de março aconteceu um momento final do governo Jango. Não foi assim. Tanto que no sábado, 14 de março de 1964, o Brasil estava absolutamente tranqüilo. No domingo, dia 15, estava aberto o Congresso Nacional. Tudo absolutamente normal. Criou-se o mito de que o dia 13 seria o momento deflagrador do golpe. Não foi. Na verdade, isso se estende para, aproximadamente, duas semanas depois, quando aconteceu a crise dos marinheiros. Aí sim, podemos dizer que o Brasil estava caminhando para o golpe, especialmente no dia 30, quando Jango foi ao Automóvel Clube e fez um discurso trágico, no qual, claramente, estava apostando na anarquia militar, ou seja, que a relação do soldado, do

repercutiu a criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line repercutiu na 155ª edição a recente criação do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, na Finlândia, com entrevistas a diversos especialistas. (Nota da *IHU On-Line*)

marinheiro, ou do aviador não era com o seu superior hierárquico, e sim com o presidente da República. Ali, claramente, desenhou um cenário de golpe militar que ele estava preparando. Na verdade, temos, às vésperas do golpe militar, vários projetos de golpes, de direita, de esquerda e acaba sendo vitorioso um projeto meio desorganizado do Olímpio Mourão Filho³², mostrando que o governo era tão frágil que bastou deslocar tropas de Juiz de Fora, compostas por meros recrutas, e o governo de João Goulart caiu como um castelo de cartas.

³² **Olympio Mourão Filho** (1900-1972): militar brasileiro que participou ativamente do Movimento Integralista e do golpe militar de 1964. (Nota da *IHU On-Line*)

Ética e emoções morais

”Por muito tempo, as emoções foram negligenciadas pela ética”, escreve Thomas Kesselring. Isso se deve muito a Kant. ”Uma ação moralmente boa, ensinou Kant, é uma ação racional”. No entanto, hoje, ”redescobre-se cada vez mais a importância do papel dos sentimentos e das emoções na vida social”, segundo o filósofo suíço, professor de ética na Universidade Pedagógica de Berna no artigo *Ética e emoções morais* publicado pelos **Cadernos IHU Idéias** nº. 52, recém-lançado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

O artigo inicia com uma breve análise das emoções na vida social, baseando-se na obra de Adam Smith, para depois discutir o que significa aprovar ou desaprovar a conduta de outra pessoa. A seguir, o autor analisa o papel das três emoções básicas na moral: indignação, rancor e sentimento de culpa, baseando-se nas obras de Ernesto Tugendhat e num ensaio do filósofo brasileiro Adriano Naves de Brito que reconstrói e critica a abordagem de Tugendhat.

Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?

Adriano Naves Brito, professor do PPG em Filosofia da Unisinos, no mesmo **Caderno IHU Idéias** comenta o artigo de Thomas Kesselring. Segundo ele, “ao defender que a indignação é que “depende da nossa atitude ética” e não o contrário, Thomas Kesselring perfila-se, com Tugendhat, entre os que fundam em razões a validade dos juízos e princípios morais, mas que também situam na razão o impulso fundamental da ação que pode ser dita moral”. Para Adriano Naves Brito, “tal teoria é totalmente inadequada para descrever o comportamento moral humano básico”.

Os **Caderno IHU Idéias** podem ser adquiridos na Livraria Cultural e na Tabacaria Central. Eles podem ser pedidos também pelo e-mail: humanitas@unisinos.br.

Fabrizio Carpinejar



Nascido em Caxias do Sul, o poeta Fabrizio Carpinejar é um homem de inúmeras metáforas. Nesta entrevista para a *IHU On-Line*, Carpinejar falou dos seus nascimentos, da esposa, dos filhos e deixou transparecer sua profunda sensibilidade artística e humana.

O poeta também contou sobre a sua filosofia de vida e sua trajetória profissional.

Carpinejar é coordenador do Curso de Formação de Escritores da Unisinos, jornalista e escritor autor de nove livros, entre eles: *As Solas*

do Sol, Bertrand Brasil, 1998; *Cinco Marias*, Bertrand Brasil, 2004; *Como no Céu* e *Livro de Visitas*, Bertrand Brasil, 2005 e *O Amor Esquece de Começar*, Bertrand Brasil, 2006

Nascer informal – Acredito que as pessoas têm dois nasceres: nascem um dia determinado e depois nascem todo o dia informalmente. Nascer informalmente é estar atento às distrações ao que passa ao lado. Sempre defendo que os grandes mistérios da vida estão na nossa frente. Procuramos sempre grandes aventuras e está tudo dentro de casa, tudo tão simples. Acho extremamente sedutor olhar a mulher se vestindo e ajudá-la a colocar o colar, por exemplo. São essas pequenas gentilezas que tornam a vida intensa. O nascimento informal caracteriza-se justamente pela paixão.

Origens – Vim ao mundo em Caxias do Sul, no dia 23 de outubro de 1972. Quando pequeno, jurava que havia sido trocado na maternidade. Minha mãe decidiu pôr fim à minha dúvida e mostrou uma fotografia de meu avô, com os mesmos traços que eu. Eu analisei a imagem detalhadamente e concluí: “ele também foi trocado”.

Toda a família, praticamente, nasceu no interior, pois meu pai era promotor de Justiça, hoje é procurador aposentado, então ele conheceu todo o interior do Estado, e cada filho nasceu numa Comarca³³! Brinco que cada filho nasceu de uma promoção, o pai recebia uma promoção, ia lá, e “pimba”, nascia um filho. Eu, com certeza, fui fruto de alguma comemoração. Estou comemorando até hoje.

³³ No Brasil, é um termo jurídico que designa uma divisão territorial específica, que indica os limites territoriais da competência de um determinado Juiz ou Juízo de primeira instância. (Nota da *IHU On-Line*)

Família – Sou o terceiro dos quatro filhos de Maria Carpi e Carlos Nejar. Sou um dos filhos do meio, até fiz um poema onde digo “não fui o primogênito para ser um segundo pai, não fui o caçula para tomar as dores da mãe, sou filho incerto, do meio e do canto da mesa”. Foi muito importante para mim ter irmãos. Isso me ajudou a desfrutar de um espírito de mutirão. Por exemplo, na hora que um fazia alguma coisa errada, todos assumiam a culpa. A mãe e o pai ficavam enlouquecidos porque não sabiam quem era o real culpado. Somos três irmãos e uma irmã. Meu pai saiu de casa quando eu tinha 7 ou 8 anos, ele e minha mãe se separaram, então vivi pouco com ele em casa. Fui homem muito precoce neste sentido, de ter que dividir responsabilidades. Se o Miguel, o irmão caçula, varria a casa, eu tinha que lavar a louça, o Rodrigo fazia as compras. Então todo o mundo tinha uma função dentro de casa. Tenho uma única irmã mais velha, que é a Carla. Ela é fantástica. Hoje ela é promotora de justiça em Porto Alegre. A Carla fez um bem para os irmãos, pois ela tornou as normas flexíveis. Atualizou a educação. Foi aquela irmã que brigou para que família não fosse conservadora. Foi aquela irmã que saiu de casa para morar com o namorado, transgrediu aquele molde já ultrapassado da década de 1970. Ela agenciou a primeira festa com os amigos, me ensinou a dirigir. Ela me tornou alguém mais elástico e acessível.

Ensino – Minha formação do Ensino Fundamental foi em escola pública. Sou filho das greves do magistério em Porto Alegre. Fiz o segundo grau no Colégio Aplicação e logo que saí engatei um vestibular e entrei na Faculdade de Comunicação da UFRGS. Era um aluno mediano, só melhorei quando fiz mestrado na Faculdade de Letras da UFRGS. A garra, na minha visão, significa sensibilidade. O esforço é a mais democrática das inteligências.

Poesia – Quem um dia foi religioso terá eternamente uma queda pela poesia. Fui uma criança bastante religiosa. Minha grande frustração foi não ter sido coroinha! Deus nunca me concedeu um emprego, não fui cabo eleitoral de Deus! A poesia é uma espécie de reza. Ela tem essa repetição, essa invocação, essa provocação. Acho lindo quem fala um palavrão para Deus, mostra intimidade com ele.

Filhos – Quando somos solteiros até esquecemos de rezar, mas quando temos filhos rezamos por eles. Eles nos devolvem Deus. Quem tem filhos sempre vai rezar. Tenho dois, um casal (Vicente, 4, e Mariana, 12). Nunca reclamei de ver os brinquedos desarrumados, adoro arrumar as coisas deles, curtir a imaginação infantil. E também existe um deslumbrante da própria linguagem da criança. As crianças têm um repertório pequeno de palavras e usam-nas muito bem.

Ana – Minha esposa é a Ana Lúcia. Estamos há dez anos juntos. Quando nos beijamos, eu não consegui desgrudar mais daquela boca. Vidramos um no outro e resolvemos morar junto. Com 26 anos, escrevi meu primeiro livro *As Solas do Sol* (Bertrand Brasil, 1998). Tenho 10 anos de literatura e combina exatamente com o tempo de relacionamento com a Ana. Não é por acaso. Eu era uma pessoa arrogante, afetada e chata, tanto que eu prestei atenção nela quando ela disse que havia ido num ciclo de cinema japonês. Eu me explicava mais do que vivia - agora vivo como explicação. Não seria o que sou sem a Ana.

Cinema – Guardo uma boa bagagem cinematográfica. O cinema é uma forma de ler acompanhado. Um livro que vários leitores podem folhear ao mesmo tempo. Meu

cinasta preferido é o Tarkovsky³⁴. Se eu tivesse que escolher um filme, eu escolheria *O espelho* (1974) do Tarkovsky. É o filme mais poético que eu já vi. O filme que eu poderia ter sonhado em versos.

Trajetória – Eu trabalhei em vários lugares: na TVE, na Rádio FM Cultura, no jornal do Vale dos Sinos, na Secretária de Educação do Estado, e sempre escrevendo livros, tenho nove. Na Unisinos, cheguei para trabalhar na Assessoria de Imprensa. Hoje exerço a coordenação do Curso de Formação de Escritores e a experiência está sendo estimulante. Os escritores são paranóicos, eles nunca acreditam que alguma coisa possa melhorar a vida deles. Estamos dando um espaço para uma nova geração de escritores. Parece que há uma tendência na literatura de quanto pior melhor, as pessoas não querem assumir uma responsabilidade em defesa da literatura. Eu me disponho a sair de mim para me conhecer melhor nos outros.

Gay – As pessoas me chamam de gay porque eu pinto as unhas. Quando alguém me chama de gay, eu levo isso como um elogio. Isso quer dizer que sei me vestir bem, sei falar, sei ser sensível e ouvir as mulheres.

Primeiro livro – O primeiro livro que ganhei foi o *Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon.

Cena – A cena da minha vida é sempre me aproximar da Ana. Ela é meu pátio e meu oceano.

Dia perfeito – Minha casa com bastante barulho.

Trilha Sonora – A minha música é *Hurricane* do Bob Dylan.

Autor – Sou de safras, sempre tem um autor que me marca em um determinado período. Mas o autor da minha vida é o Fernando Pessoa.

Unisinos – Vou usar uma metáfora. Sempre quis ter uma casa numa árvore, a Unisinos é a minha casa na árvore.

Instituto Humanitas Unisinos – O IHU tem a eletricidade que todo o diálogo deve produzir.

Errata

Na edição 184 da *IHU On-Line*, em 12-06-06, a editoria *Publicações do IHU* não informou a referência bibliográfica do livro de Anselm Jappe *As aventuras da mercadoria: para uma nova crítica do valor*. Lisboa: Antígona, 2006. O livro pode ser adquirido na Livraria Cultural, na Unisinos.

³⁴ **Andrei** Arsenyevich **Tarkovsky**, ou **Tarkovski**: (1932 - 1986) foi um dos mais criativos, inovadores e importantes cineastas advindos do cinema soviético. Seu cinema apresentava um caráter introspectivo, complexo e onde as questões humanas eram sempre colocadas em primeiro plano. (Nota da *IHU On-Line*)